

FRONTEIRAS AMAZÔNICAS

Tte. cel. Lima Figueiredo
Da Comissão de Redação da REVISTA
BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

I — GENERALIDADES

Neste trabalho vamos estudar as fronteiras da Amazônia Brasileira com os países vizinhos — as três Guianas, Venezuela, Colômbia, Perú e Bolívia. Já se acham perfeitamente caracterizadas e demarcadas as lindes com as Guianas Holandesa e Inglesa, Colômbia e Perú. Trabalhos de demarcação estão sendo levados a efeito ao longo da fronteira venezuelana; e para fechar, com marcos, a raia com a Bolívia, faltam ainda os trechos compreendidos entre a cabeceira do Rapirrã e a do braço oriental do igarapé da Baía, afluente do rio Acre; e o que vai do marco do rio Turvo, tributário do Paragaú, ao manadeiro principal do rio Verde.

Durante as expedições para delimitar, perfeitamente, o contôrno terrestre do Brasil, levadas a efeito a partir de 1920, foram determinados os pontos extremos norte e oeste que se encontram, respectivamente, no monte Caburá e na serra da Contamana. O primeiro, situado na cordilheira de Pacaraimã entre as cabeceiras do rio Ailã (afluente do Maú) e do Cucuí (bacia do Mazaruni) apresenta as coordenadas seguintes: latitude norte — 5° 16' 19"60; longitude oeste de Gr. — 60° 12' 43"28, a 77 km 754 a leste do monte Roraimã. O segundo, localizado nas proximidades da cabeceira do rio Moa, afluente do Juruá, tem as coordenadas seguintes: 7°33'12"85 de latitude sul e 73°59'32"45 de longitude oeste Gr.

II — DESCRIÇÃO DA FRONTEIRA

1 — *Guiana Francesa*. A linde com a Guiana Francesa é constituída pelo rio Oiapoque desde sua foz até à sua cabeceira na serra Tumucumaque, por onde segue até ao marco trinacional Brasil-Colônia Surinã-Guiana Francesa. Os demarcadores da nossa fronteira com a Guiana Holandesa assentaram êste marco em 1938, entre as cabeceiras do Mapaoni e Coulé-Coulé. Como ainda não foram definitivamente assentadas as divisas fronteiriças entre os governos da França e da Holanda, naquelas paragens, o marco trinacional poderá ser deslocado da cabeceira do Coulé-Coulé para a de outro formador do Itani.

A fronteira ainda não foi demarcada, tem um desenvolvimento aproximado de 655 km e é deshabitada a partir do têrço médio do Oiapoque.

A respeito da morfologia do nome do curso d'água lindeiro vamos pedir auxílio a um grande conhecedor da região denominada Amapá, Dr. JORGE HURLEY, por tê-la percorrido palmo a palmo. O rio Oiapoque

deve o seu nome à língua tupí e vem de *oyampis*, tribo de índios que habitavam, e no alto ainda habitam, êsse rio e *oca*, casa: *oyampi* — *oca* — *oyampoca* — casa dos oyampís — e que depois com o decorrer das eras, sob a influência perniciosa dos vícios de linguagem e corruptelas que amputaram o *m* do vocábulo *oyampís* e o *a* de *oca* transformou-se em *oyapoc* e nós brasileiros ou melhor os inglêsses, para adulterarem mais o vocábulo, desnaturalizando-o talvez intencionalmente... adicionaram um *k* inexpressivo e estranho e daí temos a grafia *oyapock!*

“A denominação *oyampoca*, que era como os índios caraibas e aruãs chamavam êsse rio, está indicando que se fazia sentir a influência da língua tupí — geral — ao norte do Brasil. Não receio de afirmar que essa influência vai ter até às Antilhas”.

Depois da apaixonada questão conhecida como a do contestado do Amapá, na qual houve até derramamento de sangue, tanto do Brasil como da França, foi entregue a solução da pendenga ao presidente da Suíça, Dr. WALTER HAUSER, que, como árbitro escolhido por ambas as partes, nos deu ganho de causa pelo Laudo Arbitral de 1.º de Dezembro de 1900.

Para dizer algo sôbre o rio fronteiro vou dar a palavra ao meu estremecido chefe e verão como o maior geógrafo americano, apesar de ter vivido uma vida de asperezas e sacrifícios, sabe ser ameno, agradável e dizer o que viu com suavidade e encanto.

Que fale o mestre, o general RONDON, o bandeirante do século da eletricidade!

“Nasce, na extremidade oriental da serra Tumucumaque, ao pé do monte Iaguar, junto ao qual se levanta o pico Crevaux, na região dos índios Oiampís, que dominaram, por completo, as suas vertentes, anteriormente à conquista e que primeiramente a terão batizado, dando-lhe o nome histórico.

“Suas cabeceiras estão na altitude de 1 200 metros e são cortadas pelo paralelo de 2º norte. Contraverte com os rios Araguari e Jari.

“Completamente livre até Clevelândia, impede-lhe a navegação, daí para cima, a multiplicidade de saltos e cachoeiras que infestam seu alto curso. O salto Robinson marca o início desses obstáculos e o Trois Sauts o último acidente físico de maior monta que o viajante nele assinala.

“Seu volume, maior que o do Ródano e do Loire, é considerável e desproporcionado ao seu curso de 485 quilômetros, um têtço menor que o do Maroni.

“Deságua no Oceano Atlântico conjuntamente com o rio Uaçá, formando o estuário conhecido pelo nome de Baía do Oiapoque, compreendida entre Montagne d'Argent, antiga San Vicente, e o cabo Orange ou Rio Branco, a Ponta Bruyère do Mont Lucas e a do Mosquito.

“Seus afluentes principais são, pela margem esquerda, Uanarí, Aramontabo, Racucini, Sikiní, Camopí, Iarupí, Erêpuçã; pela margem direita, Uaçá, Taparabô, Flatnarê, Spariní, Escondido, Cricú, Jacarezinho, Alice, Duas Barras, Adrésse, Mucherizinho, Etonaie, Murupí, Jaiê, Cruatú, Mutura, Iangararí, Motaquera.

“A cêrca de 400 km, a partir de sua barra, o Oiapoque divide-se em dois braços, aos quais CREVAUX denominou: “Le Blond”, o que contraverte com o Ruapir do Jarí pelo sudoeste; “Le Prieur”, o que vem do oeste, e contraverte com águas do Aruá, contribuinte do Maroni. Estes são os coletores dos múltiplos igarapés que constituem as suas nascentes.

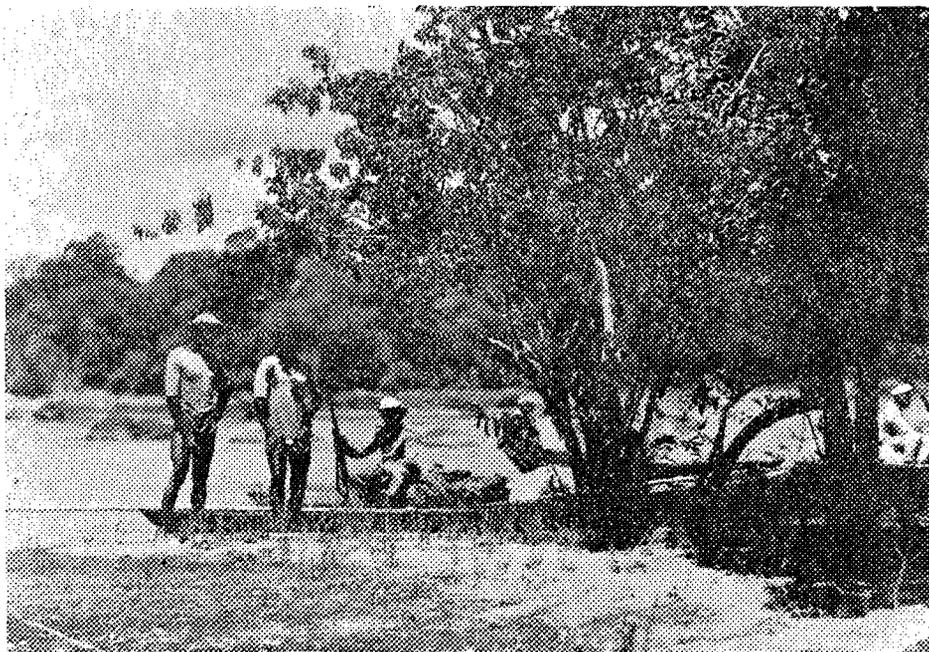
“Das muitas cachoeiras que lhe embaraçam a navegação merecem menção especial: Salto Robinson ou Grand Roche, Nuru-Uaçá ou Anauá, Cachirí, Fomis-Oiapoque, Maruá, Pacauará, Caimon, Burá, Camarauá Grande, Uêcaraiô, Maçarã Grande, Trois Sauts, como as mais salientes pelo complicado dos seus canais, travessões de pedra, dando lugar a multiplicação das ilhas de aspectos pitorescos que imprimem empolgantes paisagens no álveo do rio assim dilatado.



Propriedade do súdito inglês MICHEL, aí residindo com sua mulher, uma crioula francesa..., neste belo e calmo ambiente do Oiapoque, tem êle a sede de seu comércio de fornecimento às minas de ouro.

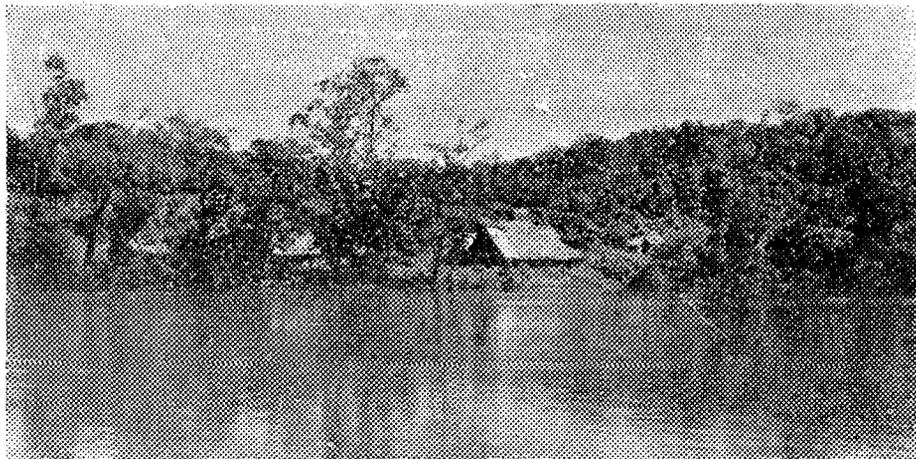
“A vista deleita-se na contemplação das árvores cobertas de orquídeas, da multidão de parasitas de ramos pendentes e ondulados com fôlhas lineares alongadíssimas, de líquenes pardo-cinzentos, de begônias de tufos elegantes, de bromeliáceas atropelando-se com os fetos de tôda espécie, de *aroidéas* do gênero *filodendron*. Lianas de tôdas as variedades traçam dosséis aos “sous bois” rasteiros em que os musgos e as mil criptogâmicas curiosas entapetam o solo. Enfim, o reino vegetal em tôda sua extensão e beleza.

“Dentre as ilhas, destacam-se a dos Veados, pela sua extensão; Cafesoca e Acajú ou Robinson, pela sua tradição. Aquela pouco acima de sua embocadura, estas na origem da zona encachoeirada”.



Nesse ambiente equatorial domina a raça negra, sadia e feliz, vivendo uma vida despreocupada, fiéis servidores dos desejos de seus patrões...

A população ribeirinha é pequena, geralmente de origem negra ou índia, e emprega sua atividade na extração da essência do pau rosa e da balata. Cada tonelada de pau rosa pode produzir 15 quilos de óleo, que chegou a ser cotado à razão de 35 francos o quilo.



*Aos olhos dos expedicionários que subiam o Oiapoc-ú assim mostrou-se a barra do rio Camorí...
Um agrupamento de casas entre os pequenos morros que cercam essa embocadura...
Uma pequena usina de fabricação de álcool...*

Nas casas comerciais do baixo rio teem lugar as transações para o contrabando do ouro minerado nas minas de Cassiporé, Cunaní, Calçoene, além de outras. O precioso metal ora foge para Caiena ora para Belém, à mercê do valor da moeda dos dois países limítrofes.

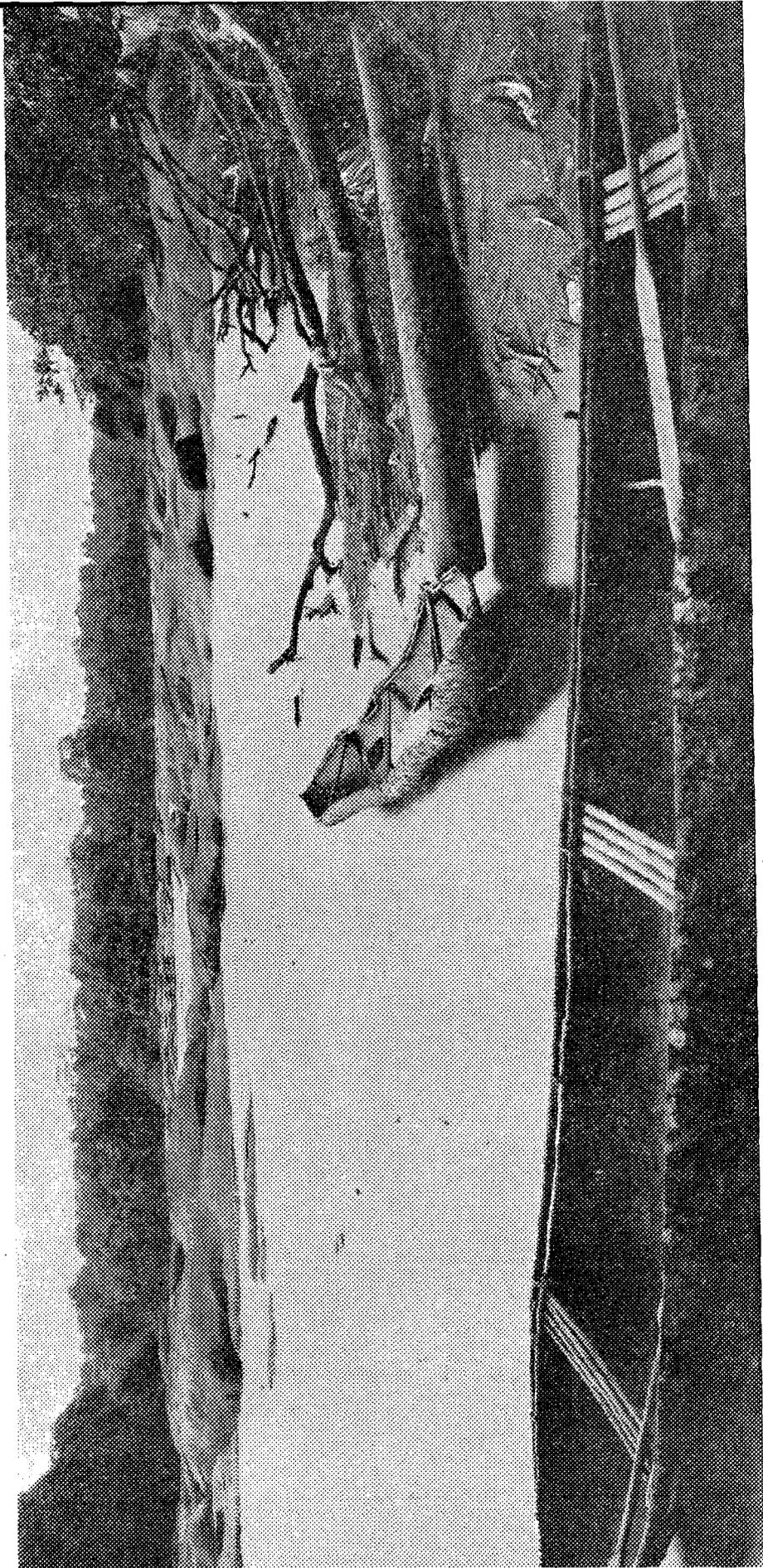
A 5 de Março de 1922 foi fundado o núcleo colonial de Clevelândia, com o escopo de receber os flagelados do Nordeste. A estes se juntaram alguns infelizes que na Amazônia só haviam encontrado o lado ruim da vida. E o novel núcleo chegou a ter quase meia centena de habitantes. Quando se pensava que tudo voava no vento do progresso, uma leva de presos políticos, mais mortos do que vivos, trouxe para aquele recanto uma série de doenças que depressa se transmitiram aos habitantes já combalidos pelo impaludismo. Os nordestinos não são homens para esperar a morte parados e, por isso, quando sentiram diante deles as unhas da fome, ganharam os igarapés na falaciosa esperança de ficarem ricos catando ouro. Só a fascinação leva o homem à Amazônia!

2 — *Guiana Holandesa*. A fronteira com a Guiana Holandesa se desenrola sôbre a cordilheira de Tumucumaque entre dois marcos de trijunção de fronteiras. O de leste a que acima nos referimos, numa altitude de 393 m e o de oeste, no ponto de contacto entre o Brasil e as Guianas Inglesa e Holandesa, situado entre as nascentes dos rios Uanamú e Cutarí a 463 m acima do nível do mar. O *divortium-aquarum* deixa, de um lado, o Jarí, o Parú de Oeste, o Cuminá ou Parú de Leste, o Marapí (afluente do Trombetas) e o Uanamú, todos correndo para o Amazonas; de outro lado, os tributários do Maroni e do Currentine.

A fronteira está perfeitamente caracterizada e demarcada com sessenta marcos separados um dos outros de uma distância, em média, de dez quilômetros. A extensão total da fronteira é de 693 km 040. Ao longo da linha fronteiriça não há habitantes.

Os nossos limites foram fixados pelo Tratado do Rio de Janeiro de 5 de Maio de 1906, e a data de encerramento dos trabalhos de demarcação, levados de vencida em três anos (de 1935 a 1938), é 30 de Abril de 1938.

3 — *Guiana Inglesa*. Começa a linha divisória no marco de trijunção de fronteiras situado entre as cabeceiras dos rios Cutarí, da bacia do Currentine, e Uanamú, afluente do Trombetas e continua pelo apartador das águas Amazonas-Currentine e Amazonas-Essequibo até ao nascedouro do Tacutú Leste no monte Umuriactaua por onde continua até à confluência dêste com o Tacutú Sul, galhos formadores do Tacutú. Segue pelo *thalweg* dêste até à sua confluência com o Maú ou Ireng, pelo *thalweg* do qual continua até sua cabeceira. Do marco nascente do Maú, a linha divisória prossegue pelo divisor de águas Cotingo-Mazaruni, passando pelos montes Ulamir, Ulamir-tipú, Caburaí, Aromatipú, Marima, Iacontipú, Apocailã, Uei-assipú e Roroimã, na mesa do qual se acha o marco de trijunção das fronteiras Guiana Inglesa-Brasil-Venezuela.



Pôrto das duas Canoas. Primeiro encontro com os índios da Guiana Holandesa

Há um fato bizarro nesta fronteira: um igarapé corre sôbre o divisor numa extensão de dois quilômetros, até cair numa sela, onde se bifurca, indo o ramo principal para a Guiana Inglesa e o outro para o Brasil, havendo, entretanto, acentuada tendência para que este galho sul se torne mais tarde o mais importante. Foi resolvido, pelos demarcadores, que o trecho compreendido entre sua nascente e a referida bifurcação fizesse parte da linha divisória. Uma ilha de nome Cureuaquí, situada na embocadura do rio do mesmo nome com o Maú ou Ireng, ficou pertencendo aos ingleses.

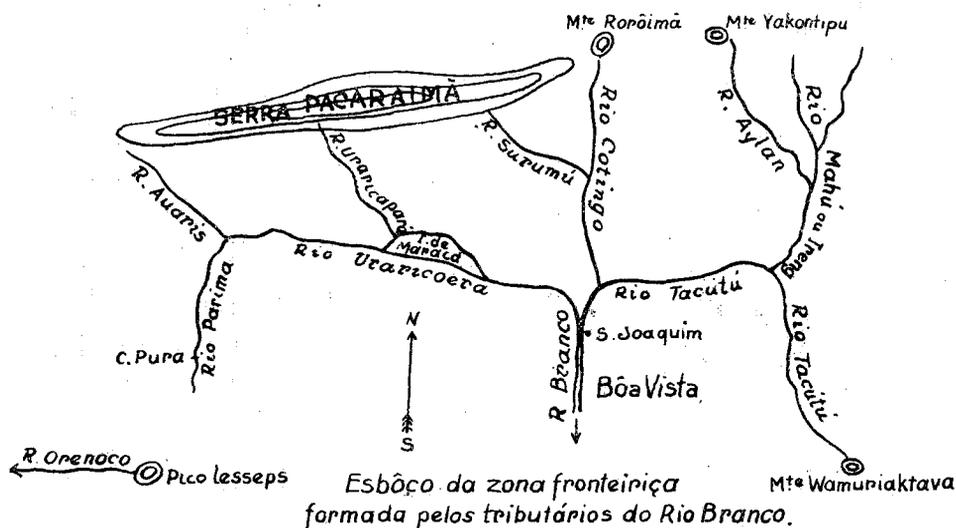
De 1930 a 1938 foram demarcados 1 650 km 800 de fronteira ao longo dos quais foram assentados 135 marcos. A fronteira seca mede 907 km 614 e a fluvial 698 km 186.

Os documentos que serviram de base aos trabalhos dos demarcadores foram os seguintes: Tratado de Londres, de 6 de Novembro de 1901, resultante da decisão arbitral do rei da Itália e a convenção especial e complementar assinada em Londres, em 22 de Abril de 1926.

A nossa comissão foi confiada à operosidade do comandante BRAZ DIAS DE AGUIAR, que já como auxiliar, se destacara na demarcação do rio Chambuiaco, na fronteira do Perú.

No decorrer dos trabalhos surgiram algumas questões, felizmente resolvidas de modo satisfatório.

A primeira foi a do Maú. Rezava a Decisão Arbitral, dada em Roma a 6 de Junho de 1904, que a nossa fronteira seria constituída pelo Maú ou Ireng. Ao chegar ao terreno, os técnicos verificaram ser o Maú formado pelo Ireng e pelo Socobí, exigindo os ingleses passasse a fronteira pelo Ireng, ficando as nascentes do Maú muito mais ao norte. O Brasil perdeu aí um pequeno trato de alcantilada terra, apesar do ardor com que o comandante BRAZ se empenhou na defesa da questão.



Outra pendenga surgiu no Tacutú. Este curso d'água apresenta uma enorme galhada de formadores que contornam os montes Unitau e Umuriactaua.

O explorador ANDERSON demarcara sozinho a região limítrofe e concluíra que o Tacatú nascia no último monte citado. A comissão atual verificou que, na referida elevação, brota um ramo do rio lindeiro que recebeu a denominação de Tacutú-este, por onde deverá passar a fronteira, afim de que permaneça, como ponto limitador, o complicado monte Umuriactaua.

O Maú é afluente do Tacutú, possuindo os dois direções retangulares, vindo o primeiro do norte e o segundo do sul. O Maú corre na serra, o Tacutú na planície.

O Tacutú recebe pela esquerda o Cotim ou Cotingo, que nasce no Roroimã e vai confundir suas águas com as do Uraricuera, formando o rio Branco, principal tributário do Negro.

Contemplando-se o mapa da região, tem-se a impressão de que o Cotingo é o principal formador do Branco, em virtude de continuar para o norte a direção por este trazida.

Os ingleses, ciosos de tudo que lhes pertence, guardam suas fronteiras com soldados de polícia, que evitam o êxodo dos habitantes para nossos domínios.



Rio Tiporem, afluente do Cotingo — Município de Boa Vista

Os missionários britânicos fundaram missões ao longo da fronteira com o fim inteligente de organizar uma propaganda entre os índios Macuxis e Uaupichanas. A emigração tem sido formidável e, se não houver uma providência do governo, será total.

A par do modo carinhoso de agir dos sacerdotes guianenses, antepõem-se a grosseria e brutalidade dos fazendeiros e autoridades amazonenses.

colhem o lugar de suas malocas, de modo que todos os caminhamentos executados para atingí-las sejam enfiados pela vista do habitante.

Os extremos ocidental e oriental da fronteira brasileiro-britânica apresentam as altitudes respectivas 2772 e 343 metros.

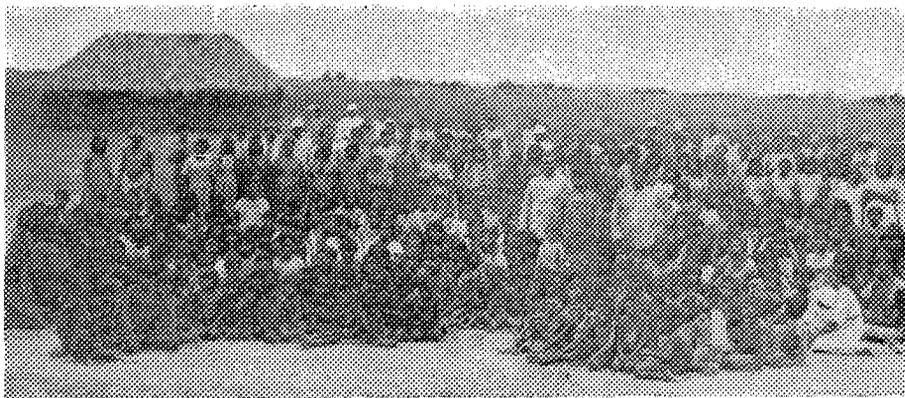
4 — *Venezuela* — Vamos descrever esta fronteira, assim como a da Colômbia, em sentido contrário ao que vínhamos seguindo até aqui, afim de que possamos citar os mesmos *azimuths* e rumos constantes das atas dos demarcadores.

Do marco situado na margem direita do rio Negro, em frente à ilha de São José, parte uma reta no rumo de $51^{\circ}06'23''$ S. E. que vai ao marco mais oriental dos dois construídos na margem esquerda do mesmo rio, pela Comissão Mista brasileiro-venezuelana de 1914-15, perto da pedra do Cucuí. Ao passar pelo *thalweg* do curso d'água, o qual corre entre a margem esquerda dêste e a ilha S. José, determina um ponto de trijunção de fronteiras Brasil - Venezuela - Colômbia. Fica, assim, a ínsula dividida em duas partes — a do norte, colombiana e a do sul, brasileira.

Pelo Tratado de Limites e Navegação firmado em Caracas, em 5 de Maio de 1858, foram reguladas as nossas fronteiras com a Venezuela, compreendidas entre o monte Roroimã e as cabeceiras do rio Memachi.

Questionando com a Colômbia, a Venezuela pelo Laudo Arbitral de 1892 do rei da Espanha, perdeu grande área, passando o rio Negro a ser a linha divisória entre os dois países irmãos. E daí surgiu o fato bizarro de termos um ponto de trijunção de fronteiras no meio do rio, portanto imaterializado.

Do morro supra citado chamado de Cucuí parte a geodésica Cucuí-Huá, no *azimuth* verdadeiro de $48^{\circ}16'45''$,1 S. E., com o comprimento de 77 km5. O marco está situado a 1 km445 do meio do Salto Huá, no canal de Maturacá, ficando ambos — marco e meio do salto — constituindo linde. Do meio do salto Huá segue uma reta de cerca de 20 km no rumo aproximado de 70° N. E. até ao, ainda duvidoso, cêrro Cupí.



Índios que vivem na fronteira venezuelana e que devem ser incorporados à civilização

Dêste cêrro a fronteira continua pelas elevações Imerí, Guai e Curupira, serra Tapirapecó, em demanda da Serra Parima, de sorte que fiquem para o Brasil as águas que correm para o rio Negro (Padaurú, Marari e Cababoris). Pela serra Parima a nossa raia alcança a serra Pacaraimã, por onde segue até ao marco trinacional do Roroimã.¹

O desenvolvimento total da linha fronteira é da ordem de 2 200 km. Há nela regiões pantanosas, divisores fáceis de percorrer-se e regiões alcantiladas de difícil acesso.

A não ser nas proximidades do rio Negro onde existe alguns civilizados, havendo até um pequeno contingente militar em Cucuí, o resto da fronteira é deshabitado ou campeado por tribus selvícolas.

Sabidamente orientada pelo tenente-coronel de engenheiros FRANCISCO XAVIER LOPES DE ARAÚJO, depois barão de Parima, a nossa comissão demarcadora trabalhou de 1879 a 1882 juntamente com a venezuelana. Tendo esta desistido de prosseguir na faina de delimitar nações, por motivos de política interna do seu país, continuou a comissão brasileira o seu trabalho, sozinha, até 1884, quando o deu por concluído. Todavia tôda essa trabalhadeira infernal foi em pura perda, porque o govêrno da república vizinha não aprovou o nosso trabalho.

Nos anos de 1914 e 1915 uma comissão mista nomeada, tendo em vista a nova linha divisória entre a Colômbia e a Venezuela, colocou alguns marcos no trecho que vai do rio Negro ao salto Huá no canal Maturacá.

Pondo em execução o Protocolo de 24 de Julho de 1928, nova comissão mista executou seus trabalhos em 1929, sendo o chefe da nossa o capitão de mar e guerra BRAZ DIAS DE AGUIAR.

“Os comissários determinaram a geodésica Cucuí-Huá e colocaram mais cinco marcos intermediários entre os seus extremos. Mede a citada linha uma extensão de 77 471 m 8 tôda ela num terreno alagadiço onde os demarcadores, durante o levantamento, permaneceram dentro do pantanal. Apesar dessa tortura, da energia despendida, dos cuidados para evitar as doenças próprias de tais zonas, o trabalho não fracassou e no curto espaço de três meses a comissão mista dava por terminada tão exhaustiva quão penosa demarcação”.

“A comissão brasileiro-venezuelana se transportou da região do rio Negro para aquela outra; e, após a colocação do marco trinacional e do que define a divisória Brasil-Venezuela, prosseguiu a tarefa daquele ponto, seguindo na direção de leste para oeste”.

“Mais nove marcos foram postos numa extensão de 280 km, ora em picos cujas altitudes variavam de 1 200 a 2 875 m, tudo no divisor de águas Amazonas-Orenoco. No final da campanha 1933-1934, quase al-

¹ Grafamos *Pacaraimã* e *Roroimã* e não *Pacaraima* e *Roraima*, como vulgarmente se diz, por ser o nome da serra composto de *pacará* (cesto) e *imã* (serra, monte, montanha) e o do monte formado de *roro* (verde) e *imã* (monte). Igualmente devíamos dizer *Paraimã* e não *Parima*, por ser ela formada de *para* (rio) e *imã* (serra). A pronúncia *parima* já se consagrou até na própria região, razão pela qual a conservamos.

cançada a nascente do rio Surumú, a comissão venezuelana, depois de colocado o nono marco, retirou-se do campo, interrompendo, assim, o serviço. Não foi possível, por êste fato, a turma brasileira inaugurar o décimo, embora já tivesse determinadas as suas respectivas coordenadas geográficas, limitando-se a deixar êste ponto assinalado pelo pôsto de observação astronômica".²

Em 1934, a comissão venezuelana, sem um motivo plausível, e apesar dos protestos do nosso emérito comissário, resolveu sustar os serviços, se bem que tudo estivesse em condições de funcionar: gêneros depositados, pessoal a postos, picada feita ao longo divisor de fácil acesso e, sobretudo, magnífica estação.

Pelo que estamos informados os trabalhos foram retomados em 1939; e cousas interessantíssimas teem sido reveladas aos demarcadores no campo da geografia.

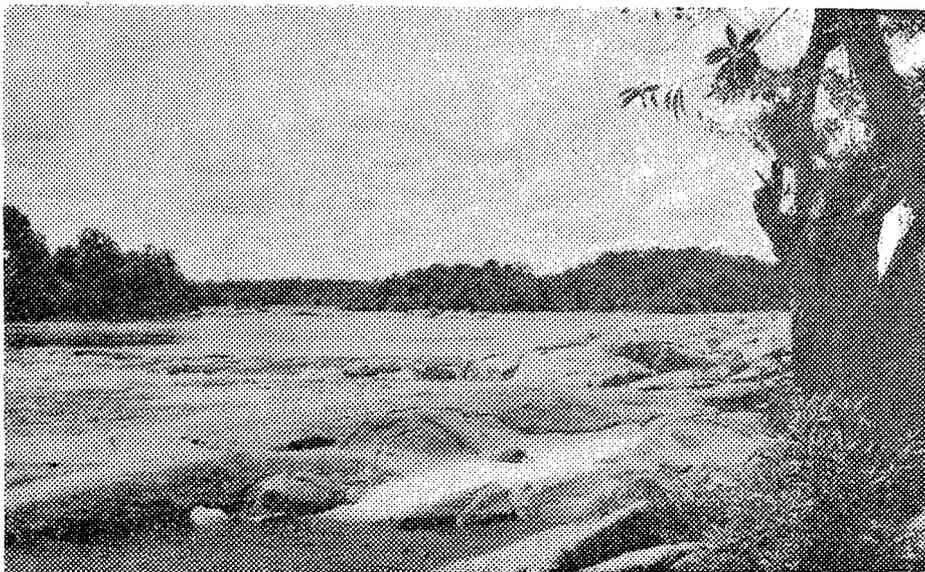
5 — *Colômbia*. Desde os bancos escolares ouvimos falar na geodésica Apaporis-Tabatinga, entretanto ela nem começa em Tabatinga nem termina na bôca do Apaporis.

A nossa divisória com a República da Colômbia começa no *thalweg* do Solimões e continua pelo paralelo da bôca do igarapé Santo Antônio ($-4^{\circ}13'30''$,5) e pelo curso dêste até à sua cabeceira, donde começa a geodésica que segue em direção da bôca do Apaporis, com o *azimuth* verdadeiro de $14^{\circ}15'40''$ N. E.. Ao interceptar o *thalweg* do rio Japurá, a fronteira por êle continua até à foz do Apaporis, em frente ao lugar brasileiro denominado Vila Bittencourt. Prossegue a fronteira pelo *thalweg* dêste último e pela mediana do Taraíra, seu tributário da esquerda, até à sua cabeceira, continuando pelo meridiano desta cabeceira ($70^{\circ}02'37''$,0 Gr) até cortar a mediana do rio Papuri, pela qual segue até Iauretê onde o Papuri despeja suas águas no rio Uaupés. Remonta, pela mediana, o Uaupés até a foz do Querari, continuando pelo meridiano da embocadura dêste rio — $69^{\circ}50'4''$,68 0.Gr. — até encontrar a mediana do rio Içana, pela qual desce até a sua intersecção com o paralelo da foz do rio Pégua ($01^{\circ}43'43''$,2 N). Segue por êste paralelo até interceptar a mediana do rio Cuiari, afluente do Içana. Pela mediana daquele caudal continua a linde até à foz do Ianá, prosseguindo pelo mesmo acima e pelo seu formador mais oriental — o igarapé Major Pimentel — até ao marco situado, no divisor, entre as nascentes dêste igarapé e as do Memachi que fica na contravertente. Continua a fronteira para leste, pelo divisor Negro-Xié, passando pelo cêrro Caparro e indo ao marco da cabeceira do rio Macacuni, donde parte uma linha geodésica, no *azimuth* verdadeiro de $74^{\circ}56'17''$ N. E., que vai ao marco situado à margem direita do Negro, em frente à ilha de São José. Daí a fronteira prossegue até o *thalweg* dêsse caudal, consoante já nos referimos ao tratar da fronteira com a Venezuela.

A extensão da fronteira é de 1 644 km 180, tendo sido levantada e demarcada de 1930 a 1936, pela Comissão chefiada sucessivamente pelos

² JÔNATAS DE MORAIS CORREIA, major. *Revista da Semana*, 8 — Setembro de 1934.

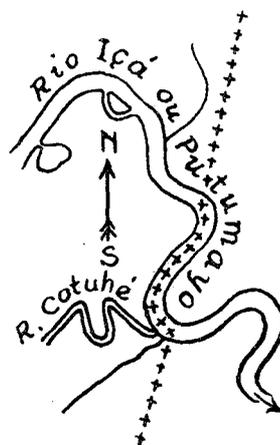
CORONÉIS RENATO BARBOSA RODRIGUES PEREIRA e TEMÍSTOCLES PAIS DE SOUSA BRASIL. Todavia antes deles já alguns demarcadores haviam moirado naquelas regiões.



Rio Uaupés, por cujo talvegue corre a linha de limites entre o Brasil e a Colômbia

Para dar cumprimento ao Tratado de 23 de Outubro de 1851, reuniram-se após mil peripécias, em 1866, os comissários peruano D. FRANCISCO CARRASCO e brasileiro JOSÉ DA COSTA AZEVEDO, depois barão do Ladrário. Resolveram os demarcadores que a famosa geodésica iniciaria-se nas nascentes do igarapé Santo Antônio que despeja suas águas de frente a Tabatinga. Adoecendo o representante peruano, teve o comissário brasileiro ordem de sozinho demarcar a linha que tanto preocupava o nosso imperador.

Em 1871, os governos das duas nações resolveram voltar, novamente, suas vistas para as fronteiras e nomearam o capitão de fragata ANTÔNIO LUIZ VON HOONHOLTZ, barão de Tefé e o Dr. MANUEL RAINOUD Y PAZ SOLDAN. Não concordaram esses novos demarcadores com o trabalho de COSTA AZEVEDO e, no desempenho da caracterização da linde, notaram que a linha Apaporis-Tabatinga cortava o Içá ou Putumaio em dois pontos e por esse motivo resolveram adotar por fronteira o curso do rio no trecho que ligava os dois pontos de corte (ver croquis).



O ínclito barão de LADRÁRIO demarcou a célebre linha, iniciando seu trabalho na foz do igarapé Santo Antônio, afluente do Solimões.

O bravo barão de TEFÉ, que sempre teve em mira desfazer os serviços de LADÁRIO, declarou achar-se errado o trabalho de seu colega e jogou para ocidente a disputada linha, levando-a até à foz do Cotuê.

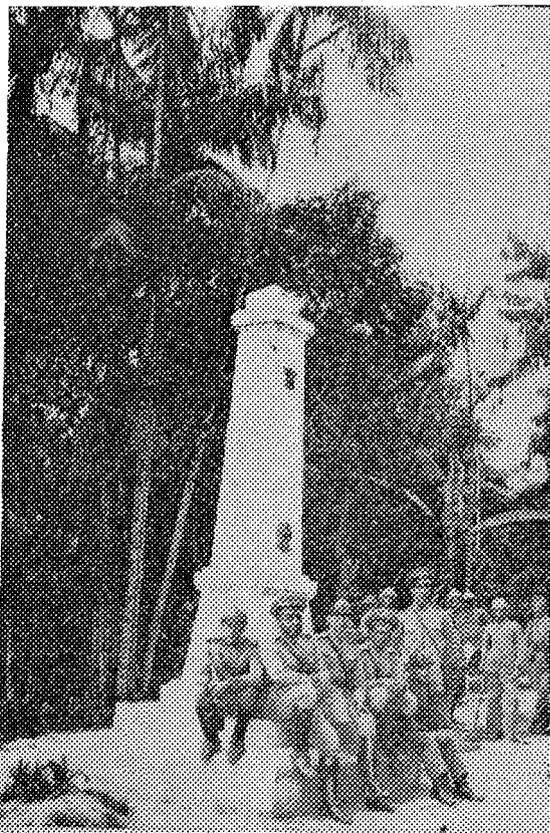
Correm os anos. É designado o coronel RENATO BARBOSA RODRIGUES PEREIRA, astrônomo que honra o Brasil, para demarcar a nossa fronteira com a Colômbia. Com a meticulosidade que lhe é peculiar enfrenta o estafante serviço de, em plena mata, "ouvir estrêlas". Sucede um fato interessante: suas observações coincidem quase em absoluto com as do barão do LADÁRIO.

Ficou provado o desvio da geodésica para oeste e que o Içá só é cortado pela mesma uma vez.

Resultou dêste fato ter a Colômbia direito sôbre a Vila Bittencourt — único ponto da região ribeirinha do Japurá que se safava da enchente.

A inteligência e habilidade do coronel RENATO conseguiram ladear a questão, obtendo que a fronteira, a partir da intersecção da geodésica com o Japurá, seguisse por êsse rio até à foz do Apaporis.

Muitas outras questões surgiram no decorrer da trabalhadeira sem tréguas da demarcação.



Marco na fronteira do igarapé Santo Antônio (Leticia)

Uma delas foi a seguinte. Dizia o Tratado de Santa Fé de Bogotá que a fronteira seguia pelo rio Papurí até às suas nascentes no meridiano $69^{\circ}30'$, continuando pelo meridiano dessas cabeceiras até cortar o Taraíra. Verificou-se todavia que o meridiano da fonte principal do Papurí cortava o Apaporis e não o Taraíra; resolveu-se então que a fronteira passaria pelo Apaporis e seu afluente Taraíra, prosseguindo pelo meridiano da nascente dêste até interceptar o Papurí por onde continuaria.

Houve ainda mais algumas modificações. Averiguando-se que o paralelo da foz do Pégua cortava o Cuiari e o Içana, êste por duas vêzes, resolveu-se que a linde passaria pelo Cuiari

até à intercepção do citado paralelo, continuando por êste até cortar o Içana, por onde prosseguiria até ao corte do meridiano da confluência Uaupés-Querarí.

Ficaram dêste modo resolvidas cabalmente as nossas raias com a Colômbia.

No tempo do Império, S. M. I. galardoava com as mais cobiçadas mercês todos aqueles que, para o bem da Pátria, se intrometiam na selva inculta e cheia de mil perigos. Raro demarcador não atingiu ao baronato.

Com a República desapareceram as insígnias honoríficas para surgirem agora com impetuosidade, sem que os desbravadores das selvas sejam lembrados.

O esforçado e ínclito coronel TEMÍSTOCLES, em 1934, fundou duas colônias indígenas, a de São João de Erquia e a de Melo Franco. A primeira materializando a intersecção do meridiano da cabeceira do Taraíra com o rio Tiquié, afluente do Uaupés; a segunda no ponto de encontro do citado meridiano com o rio Papurí ou Capurí.

Um fato interessante notado com o resultado da demarcação é que o contôrno do Brasil alí foi grandemente modificado, dando a impressão de que as terras da pátria de SANTANDER penetraram no Brasil. Isto, porém, é aparente, porque na realidade os acidentes geográficos é que não estavam representados nos seus verdadeiros lugares.

6 — *Perú*. Os antigos diplomatas de Espanha e Portugal não puderam definir com acêrto, por falta de conhecimentos, as fronteiras entre o Madeira e o Javará.

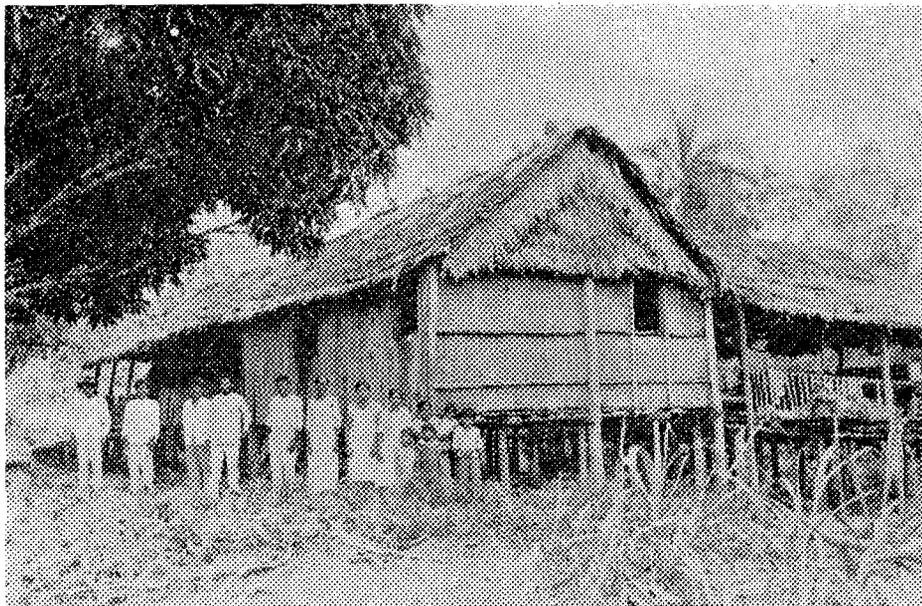
Os limites do Perú com o Brasil oferecem aos estudantes de corografia, um verdadeiro "pau com formiga". É tanto rio, tanto divisor e tanto paralelo que, para guardar a silhueta da fronteira com os respectivos nomes, é mister possuir excelente memória.

A nossa raia com o Perú começa na foz do Javará, seguindo por êste rio até às suas nascentes; daí continua pelo divisor das águas "Ucaiale-Juruá" até ao paralelo da barra do rio Breu. Segue por êste paralelo até à desembocadura do citado rio, continuando pelo mesmo até à sua cabeceira. Daí segue pelo *divortium aquarum* Piqueiaco-Tarauacá, até encontrar o paralelo de 10 graus por onde continua até ao divisor Envira-Curanja. Por esta linha de cumiada vai até aos mananciais do rio Santa Rosa, por onde continua até à sua barra no Purús; sobe êste rio até à confluência do rio Chambuiaco, seguindo por êle até à sua fonte principal. Daí continua pelo meridiano desta cabeceira até encontrar o paralelo de 11 graus. Desta intersecção parte uma reta até às nascentes do Acre ou Aquirí, por onde segue a fronteira até à barra do arroio Iaverija, onde começa o limite com a Bolívia.

Esta fronteira está tôda demarcada. Só pela sua descrição se pode calcular a soma de trabalhos e fadigas que os bravos componentes da Comissão Ferreira da Silva houveram de vencer. Merecem a gratidão de todo o Brasil.

Singelamente, os números dizem muita cousa e, por isto, recorro ao relatório do chefe da comissão brasileira:

“Devo também informar que a demarcação da fronteira estipulada no Tratado de 8 de Setembro de 1909 foi totalmente executada, sem a mínima solução de continuidade, na extensão de 1 565 km 83 m. 39, sendo 572 km.774 m. 11 por água e 992 km. 309 m. 28 por terra, a despeito de inúmeras dificuldades que se antolharam, sempre vencidas por



O barracão Santo Antônio, no baixo Javari

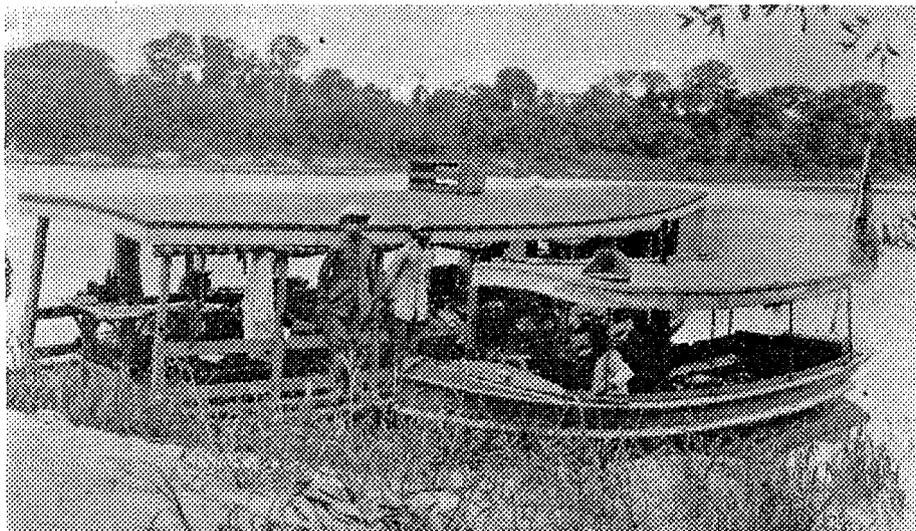
todo o pessoal, cuja abnegação merece os mais dilatados elogios, como recompensa aos altos serviços de que resultou a rigorosa demarcação da longa fronteira internacional. É interessante acrescentar que o trecho de fronteira sôbre o divisor de águas “Ucaiale-Juruá” tem a extensão de 592 km.924 29.”

Tôda a extensão da linha limítrofe, fixada no aludido Tratado, ficou assinalada com 86 marcos.

Nesta fronteira quatro rios servem de linde, desde suas cabeceiras até às suas barras: — o Javari, o Breu, o Santa Rosa e o Chambuiaco.

O *Javari* — Há no Javari uma onça pequena que no idioma tupi se chama “yauary”; com êste mesmo nome abunda na região uma palmeira espinhenta *astrocarium yauary*.

O DR. JOÃO BARBOSA DE FARIA E SOUSA opina que "yauary" significa "onça pequena". É Javari corruptela da palavra "yauary", formada de "yuaurá" que quer dizer onça, com a desinência diminutiva y. Os índios chamam "yauaretê", a onça grande, sendo "retê" uma das terminações aumentativas.



As embarcações do explorador Tales Facó encostam a uma praia para passarem a noite, no rio Javari

Segundo TALES FACÓ, o Javari tem 1 930 km 802, de desenvolvimento.

O *Breu* — É um afluente da margem direita do Juruá, possuindo na sua foz 45 metros de largura. Para determinação da fonte principal, a comissão estudou também o seu afluente Casuza. Depois de desenhados o Breu e o Casuza, concluíram ser o primeiro o principal, por aproximar-se mais da direção geral do curso, ao passo que o segundo inflete um pouco em relação a esta, apesar do Casuza possuir sua cabeceira mais alta e ser mais extenso. A solução foi favorável ao Brasil.

O *Santa Rosa* — O seu nome é uma homenagem à padroeira do povo peruano. Deram-lhe este nome quando procuravam o caucho na região.

Antigamente o rio se chamava "Curinaá", que significa "casa dos curinas".

Estes índios ainda habitam aquelas paragens e odeiam de morte os peruanos, que conhecem pelo sotaque.

A extensão dêste rio é de cêrca de 159 km.

O *Chambuiaco* — Recebeu, não sei porque o nome de rio. Na época em que o visitei (Outubro de 1928) sua largura era de 3,70 m e a profundidade de 0,23 m na barra. Suas margens são alagadiças. Serve de limite numa extensão de 60 km 444 metros.

Nesta fronteira, o elemento mais difícil de achar-se foi a cabeceira principal do Javari.

Quem achou o famoso fio de Ariadne no labirinto do intrincado problema foi o Dr. LUIZ CRULS.

Este venerando cientista, que no Rio de Janeiro exercia as elevadas funções de diretor do Observatório Nacional, foi em 1901 designado para, em comissão com o Sr. ADOLFO BALLIVIAN, representante da pátria de MIGUEL GRAU, determinar as coordenadas do nascedouro do rio que focalizamos.

O velho CRULS mostrou ter fibra rija. Não houve nada que lhe entibiasse o ânimo. A cada fadiga êle oferecia um entusiasmo novo. Pôde, afinal, o glorioso ancião determinar o "x" da questão, plantando na nascente principal do Javari um marco que representa um verdadeiro monumento à força de vontade de um homem. Contam que, na última etapa da acivosa serra, o venerando sábio teve que ser carregado por quatro trabalhadores assentado numa cadeira improvisada. O Dr. CRULS mostrou que, na conversa com os astros, possuía a inerrância de Deus, e de um modo inconcusso êle acabou com o mistério das cabeceiras do rio raiano.

Em 1926, o Javari foi novamente levantado pelo capitão-tenente SADOCK DE FREITAS, que coroou seu trabalho erigindo na fonte principal do caudal um marco metálico definitivo.

Dois anos depois, o tenente TALES FACÓ³ estuda com minúcia, de ponta a ponta, o rio em questão e apresenta um trabalho nimia,7 mente interessante, onde transparecem os seus dotes de geógrafo e brilha sua alma de sertanista.

7 — *Bolívia*. A epopéia acreana findou-se com o Tratado de Petrópolis, conseguido pela habilidade do barão do RIO BRANCO.

Êste tratado estancou a sangueira da guerra, todavia não resolveu completamente a questão, como era de desejar-se. É que o tratado de 17 de Novembro de 1903, quiçá decalcado sôbre um mapa errado, deu futuramente lugar a muitas discussões e confusões.

Dizia o parágrafo 6. do artigo primeiro:

"Da nascente principal do Rapirrá irá, pelo paralelo da nascente, encontrar a oeste o rio Iquirí e subirá por êste até à sua origem, donde seguirá até ao igarapé Baía, pelos mais pronunciados acidentes do terreno ou por uma linha reta, como aos Comissários demarcadores dos dois países parecer mais conveniente".

Êste parágrafo foi a origem da primeira contenda, porquanto o Iquirí possui suas cabeceiras muito ao norte do paralelo que passa pela

³ Faleceu na Baía, no posto de capitão, em pleno exercício de suas funções no Serviço Geográfico do Exército.

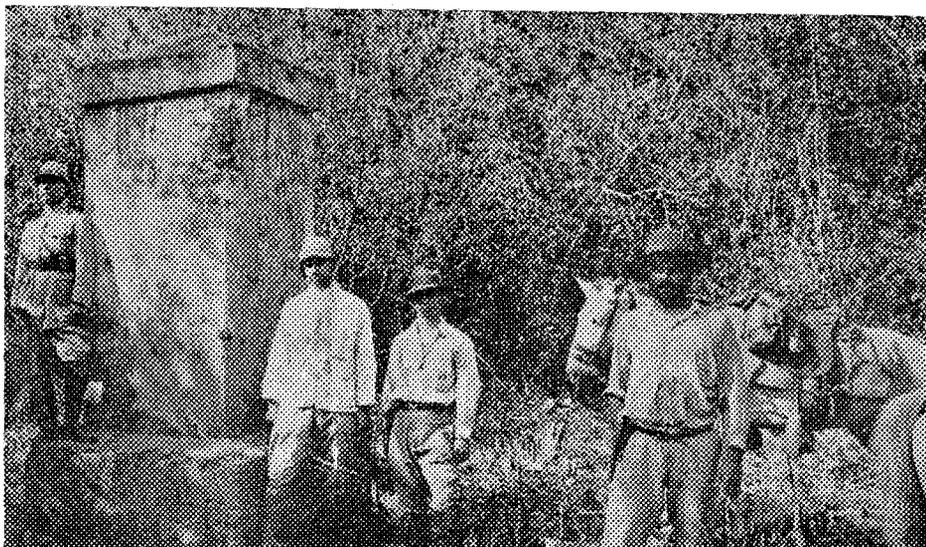
até ao seu desagüamento no Madeira. Remonta êste último até à confluência do Bení com o Mamoré, continuando depois por êste, o Guaporé e o Verde. Da cabeceira dêste último segue a geodésica que a liga ao morro dos Quatro Irmãos até interceptar o paralelo 15°05'49"82 sul do marco do rio Turvo.



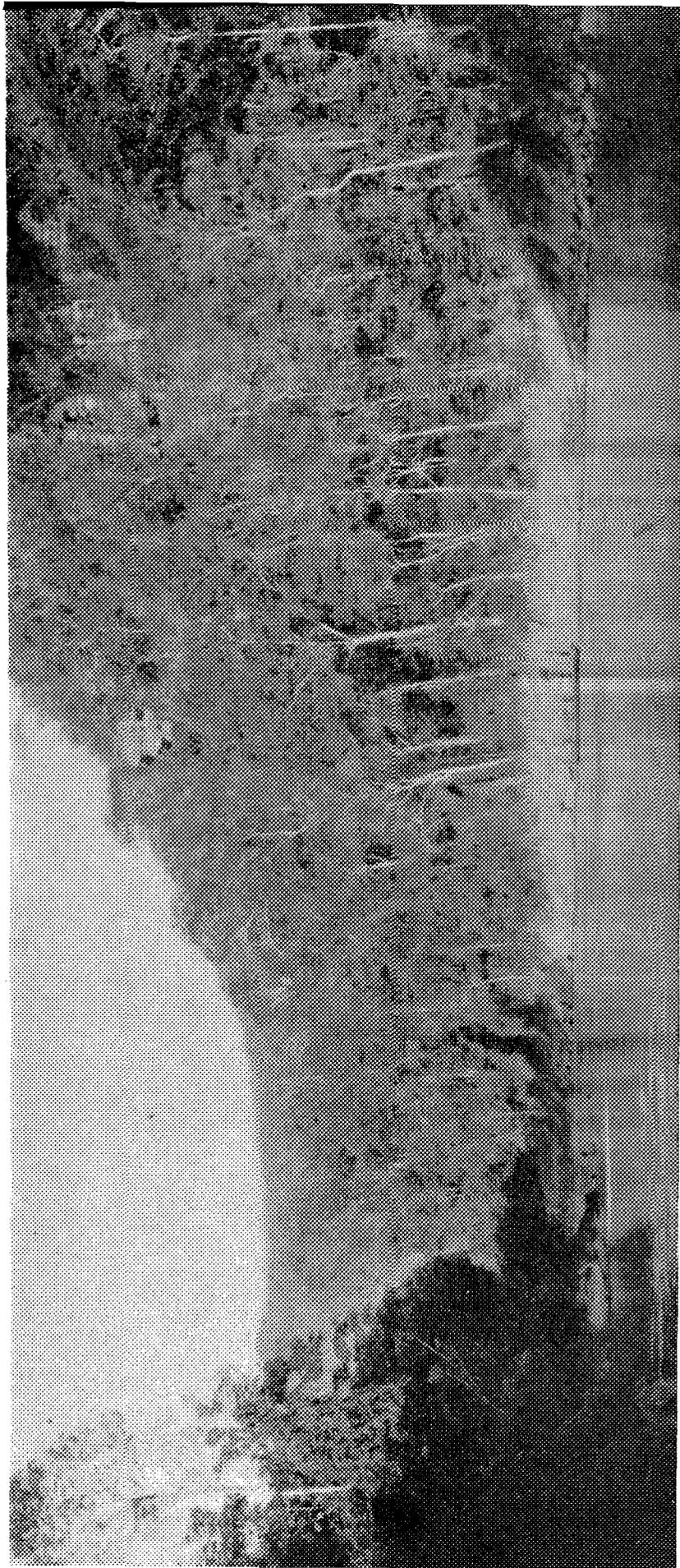
Marco do morro dos Quatro Irmãos. Numa das pedras que sustentam o marco foi colocada uma placa da Inspeção de Fronteiras

Em 1909, a comissão verifica que o Verde nasce na serra Ricardo Franco, aparecendo, depois de trinta anos, o êrro da comissão de 1877.

A comissão examinou a questão, estudando com muito carinho a região. Levantou o Verde e o Turvo; averiguou que êste rio é formado pela reunião de dois arroios, na confluência dos quais se acha o marco. Um dos arroios vem de leste e o outro do sul. Êste nasce nos piri-zais existentes nos campos alagados da circunvizinhança do marco e recebeu, como homenagem ao explorador desaparecido, o nome de Fawcett. Os "caboclos" conhecem êste arroio pelo nome de "Falso",



Marco do rio Turvo que se achava completamente sepultado. É de notar o traje irreprensível do Gen. Rondon



As margens íngremes do rio Verde, afluente do Guaporé

corruptela do apelido do explorador britânico. Ainda foi constatado pela comissão que, admitida a hipótese de poder o rio Turvo contornar a serra Ricardo Franco e ir ter ao Guaporé, seria impossível unir-se ao Verde, posto que as altitudes da confluência dos braços que formam o Turvo e da foz do Verde são, respectivamente, de 185 e 230 m.

A confusão lavrou incontinenti o incêndio das discussões entre as chancelarias dos países amigos.

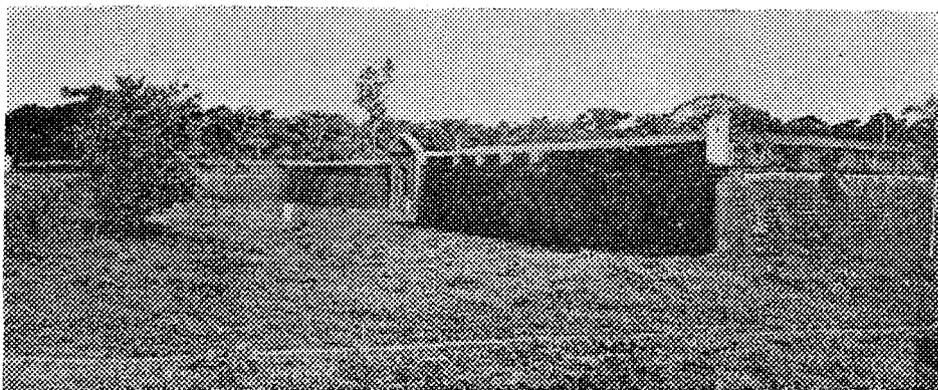
A questão ficou esquecida por quase vinte anos, até que na cadeira de Rio Branco se assentasse o formidável político OTÁVIO MANGABEIRA, que, não desmentindo as tradições da nossa diplomacia, conseguiu, no dia 25 de Dezembro de 1928, o Tratado do Natal.

Diz JOÃO RIBEIRO: "Culmina êsse convênio do Natal, de grande alcance e clarividência, a série de tentativas anteriores, dando-lhe a expressão que melhor convém aos interesses recíprocos dos dois países, no sentido geográfico e econômico".

Pelo dito tratado, a nossa fronteira no trecho que estudamos, vai do morro dos Quatro Irmãos ao marco do rio Turvo, daí para leste, pelo paralelo dêste marco, até encontrar a linha traçada entre o morro dos Quatro Irmãos e a nascente principal do rio Verde.

Pela bela vitória do grande chanceler OTÁVIO MANGABEIRA, o nosso reconhecimento de brasileiro e de patriota.

A nossa fronteira com a Bolívia é quase tôda habitada. O Acre, o Abunã, o Madeira e o Mamoré são ativamente navegados pelos habitantes das regiões limítrofes. O trecho compreendido entre as emboaduras do Rapirrã e do igarapé da Baía é talado frequentemente, maximé durante a colheita dos ouriços de castanha, de que a região é riquíssima. Vários *varadouros* cruzam a fronteira em diferentes pontos. Como a fronteira, nessa paragem, não esteja ainda demarcada há fácil contrabando e os impostos devidos pelos proprietários não são pagos nem ao Brasil nem à Bolívia.



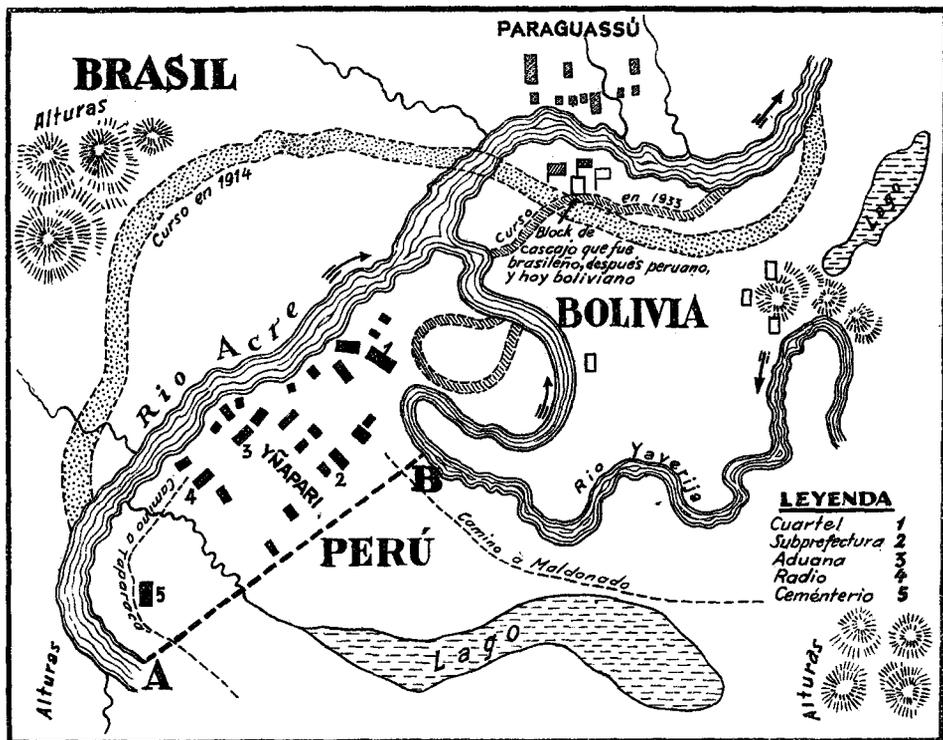
Forte Príncipe da Beira — Rio Guaporé

O Guaporé é francamente navegado e ainda habitado pelos selvícolas. O Verde ainda em repouso, sob as franças da sua opulentíssima floresta.

Para terminar as considerações atinentes a esta fronteira, vou referir-me a um fato bem interessante.

DOM EMÍLIO DELBOY escreveu um artigo numa revista limenha intitulado *Frontera mobile que cambia de soberania*, o qual fazendo eco em La Paz fez aparecer um opúsculo intitulado *Bolpebra*, com o subtítulo *Frontera tripartita inestable entre Bolívia, Perú y Brasil*, de autoria de DOM JOSÉ AGUIRRE ACHÁ.

Pelo croquis junto, que aliás ilustra o trabalho do Sr. DELBOY, vê-se que o Acre deu ao Brasil um pedaço de terra peruana e, pelo contrário tirou-nos um naco para presentear-lo à Bolívia. O seu atual curso naquela região quase retificou a senóide formada pelo antigo álveo.



De um rio maluco como é o Aquirí tudo se pode esperar e vamos admitir a hipótese dele procurar o curso do Iaverija, percorrendo o itinerário AB e abandonando o leito atual. Neste caso a quem pertenceria a povoação de Inapari? Ao Brasil ou ao Perú?

O Sr. AGUIRRE ACHÁ reuniu no seu folheto as opiniões dos mais entendidos tratadistas em Direito Internacional e chegou à seguinte conclusão: Quando o rio muda, gradativamente, de leito, o limite oscila com o rio; mas, desde que o caudal mude bruscamente de rumo, pene-

trando pelo território de um dos países limdeiros, êle passa a pertencer inteiramente a êsse país, continuando a fronteira pelo leito abandonado. Não há, portanto, perigo da garrida Inaparí mudar de nacionalidade. Todavia, seu casario poderá, daqui a algumas décadas, ser tragado pelo Acre, que, paulatinamente, vai caminhando lateralmente naquele ponto, para o sul e, destarte, tem carradas de razão o articulista peruano, quando aconselha a transferência da futura cidade que se acha embrionária em Inaparí, para um sítio mais seguro.

Da leitura do artigo do Sr. EMÍLIO DELBOY e do opúsculo do Sr. AGUIRRE ACHÁ se conclue uma cousa: que essa questão de deslocamentos dos cursos d'água deve ser prevista nos nossos tratados de limites.

III — COMUNICAÇÕES COM AS FRONTEIRAS

Neste capítulo vamos estudar as vias de comunicações com a fronteira, mostrando também as linhas de penetração ao nosso Brasil, pelos países limítrofes.

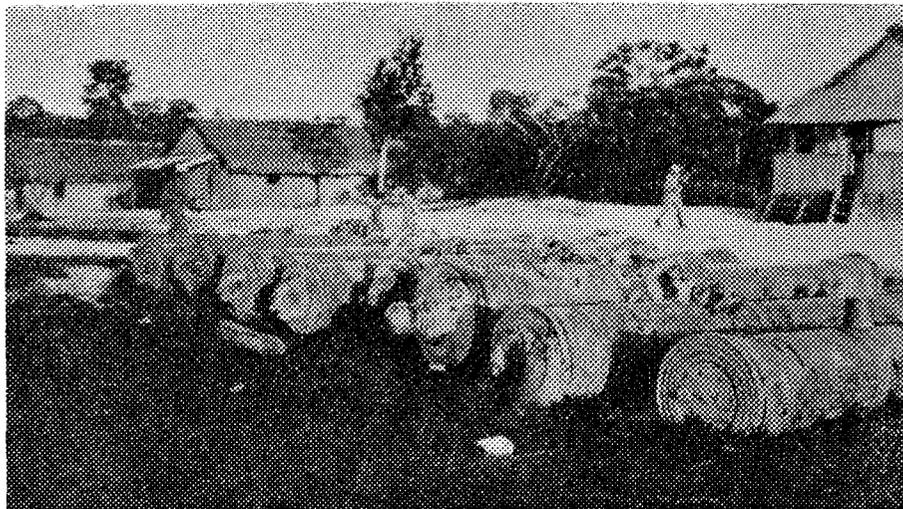
A nossa linha de referência será a grande calha coletora — o *Amazonas*. Veremos, assim, como estão as raias brasílicas ligadas a esta gorda corda potâmica.

Para ir-se ao Oiapoque Poder-se-á ir, com muita dificuldade, à fronteira da Guiana Francesa, partindo da planície do Baixo Amazonas, quer remontando o Jarí até às suas cabeceiras, quer cruzando o chão do denominado território do Amapá, partindo de Macapá, através duma região prenhe de lagos e coberta de opulenta floresta equatorial. Fica assim o lindeiro Oiapoque ligado somente com a cidade de Belém, pelo Oceano, quando o navio da "Amazon River" realiza a sua viagem mensal. Afora isso, o avião militar também poderá ir à fronteira descendo no campo pouco dimensionado do núcleo de Clevelândia.

Rodovia Macapá-Clevelândia O general RONDON lembrou a idéia de construir-se uma rodovia ligando Macapá a Clevelândia. Os trabalhos foram começados em 1929 e em 1930 suspensos até hoje, resultando em pura perda todo o dinheiro concedido pelo Governo Federal e todo o trabalho realizado já hoje, novamente incorporado ao patrimônio da mata.

Afirmam que o município de Macapá possui um rebanho de mais de 12 000 cabeças de gado e o de Montenegro 50 000 bovinos e 2 000 equinos. Êsses rebanhos poderiam desenvolver-se com a abertura da linha de escoamento, constituída pela estrada de rodagem; iriam abastecer a cidade de Belém, na qual, muitas vêzes, falece boa carne verde. Além da pecuária, a indústria extrativa poderia lucrar muito com a rodovia. Por ela escoar-se-ia, mais facilmente os côcos do murumuru e de outras palmeiras, destinados a fabricação de óleos comestíveis.

A extração do ouro seria aumentada e melhor fiscalizada pelas autoridades, cuja missão é vigiar a fuga do nosso metal para outros países. Há ouro aluvionar na área limitada pelo Araguari, cabeceira do Jarí e Oiapoque. Muito ouro foi daí extraído pelos guianenses quando ali, indevidamente, ainda drapejava o pavilhão tricolor da França. A cousa dava tanto que até uma estrada de ferro foi construída para facilitar



Nove canhões, que são valiosíssimos como documentos históricos e obras de arte. Há alguns raiados, o que deve representar, pela época em que foram fundidos, pertencerem aos primeiros dessa espécie. (Fotografia colhida na Amazônia) — LIMA FIGUEIREDO

o serviço. Assim que aquela rica região foi incorporada, definitivamente, ao nosso território, tudo andou à moda do caranguejo. Todavia há ainda trabalho em Calçoene, Lourenz e Cunaní. Negros guianenses andam quais judeus errantes, catando ouro no Uaçá, no Cassiporé e no próprio Oiapoque.

A rodovia Macapá-Clevelândia “será o cordão umbelical por onde essa gente (os habitantes da região) possa respirar e alimentar-se”.

“A sua construção, que se impõe urgentemente como o único meio de salvar essa população para o seu aproveitamento posterior, é favorecida em quase 2/3 do seu percurso, pelas condições orográficas e hidrográficas dos municípios a atravessar. O traçado, em parte, estende-se por uma divisória em campos de declividades suaves e planuras cobertas de agrestes, entremeados de piçarra. Pelos seus flancos, muitas pontas e cabeceiras de aguadas e pastagens. Porém o resto do percurso — o último têrço — aquele que segue pelos esporões da serra Lombard, rumando ao Oiapoque, à Clevelândia, é de construção difícil, e portanto, onerosa. O terreno é acidentado, coberto de intensa mata, em caçoerões cerrados”.

“Em compensação, desbravando-o, abre-se uma bela oportunidade para o desenvolvimento agrícola, comercial e industrial da região. A

construção da parte fácil, talvez não atinja a 3 contos, por quilômetro. A parte difícil, só depois do reconhecimento, da exploração. Não há previsão possível".⁴

Pelo mar A navegação para o Oiapoque é difícil e precária. Os navios só podem transportar cerca de meio milhar de pessoas de cambulhada com sacos, caixas, paneiros, empanados e gado. Muitas vezes o desgraçado com pouco recurso, obrigado a viajar, arma sua rede quase nos chifres dos bois transportados. Em toda a costa só há um farol — o de Bailique.

A fase da lua determina a época das viagens que, mesmo assim, devem ser cercadas de todos os cuidados. velocidade reduzida e sondagens frequentes.

Vias de acesso à Guiana Holandesa Não há fáceis comunicações com a Colônia Surinã. Quem quiser ir à fronteira terá que fazer como OTILE COUDREAU, general RONDON, comandante BRAZ DE AGUIAR, além de muitos outros que demonstraram ter fibra rija, vingando os multivários pedrais que atravancam os leitos dos rios que lá vão ter tais como o Jarí, o Parú de Oeste, o Cuminá, o Marapí e o Uanamú. O Trombetas e o Jarí são as principais vias de acesso.

Vários autores já escreveram excelentes livros a respeito desta região fronteiriça. Entre eles está OTILE COUDREAU que, em 1901, se adentrou pelo Cuminá, atingindo o igarapé S. João, muito acima do morro Tocantins que dista de Óbidos 495 quilômetros e visitado pela primeira vez, em 1876, pelo padre NICOLINO JOSÉ DE SOUSA. Ao regressar às terras loiras de sua pátria deu à publicidade o seu *Voyage au Cuminá*. O feito de OTILE merece registo especial, como uma grande vitória alcançada pelo sexo frágil. Muitas vezes, para se impor, deu formidáveis surras em alguns caboclos que a acompanhavam, cujos instintos sexuais não puderam conter, em presença de uma mulher, em plena pujança da selva.

Entre a serra Tumucumaque e o igarapé São João existia uma região completamente ignota dos civilizados, envolta no manto do mistério. O general RONDON levantou a ponta deste manto, descobrindo uma área rica em campos, cujo valor poderá influir nos destinos da pecuária paraense. Para pô-los em estado dinâmico, propôs ao governo a construção de uma estrada ligando-os à cidade de Óbidos, dando trabalho às várias tribus de índios existentes, antes que sejam levados para a Guiana Holandesa, que faz avançar as pontas dos trilhos de uma estrada de ferro pelo vale do rio Tapanaoí.

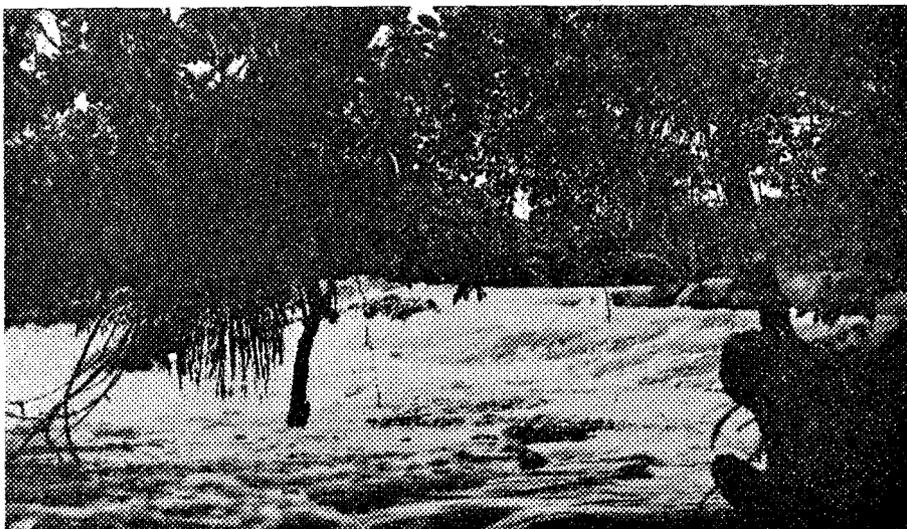
Dois livros interessantes O botânico A. J. SAMPAIO e o Dr. GASTÃO CRULS foram companheiros do Anhanguera século XX, e produziram magníficos trabalhos concretizando tudo que viram e observaram. O grande escritor de *A Amazônia misteriosa*, ao chegar à capital da República deu a lume um livro interessantíssimo

* ALEXANDRINO F. DA CUNHA, general. *Relatório da Inspeção Especial de Fronteiras* — 1936.

— *A Amazonia que eu vi* — no qual, através do colorido da sua miríaca descrição, se sente a alma de alguém que tem sangue de expedicionário dos sertões.

Quando da demarcação dos nossos limites com o Surinã, um inteligente jornalista — ERNESTO VINHAIS — andou acompanhando o labor dos companheiros do comandante BRAZ, publicando em Pôrto Alegre *Aventuras de um repórter na Amazônia*. E assim o inferno verde continua a fornecer assunto a tôda gente, cientistas, escritores, artistas, etnógrafos, botânicos, geólogos, zoólogos... , constituindo sempre, como afirmava EUCLIDES DA CUNHA, a última página do *Gênesis*, ainda por escrever-se.

O Negro e o Branco São as fronteiras da Venezuela e da Guiana Inglesa servidas pelo rio Negro e seu afluente o Branco. O primeiro é perfeitamente navegável por gaiolas, em qualquer época do ano até à vila de Santa Isabel que dista de Manaus 882 km e é ponto final da navegação da "Amazon River".



Cachoeira do Algodão, no alto Parima

Diz o general RONDON: "Em Santa Isabel termina a lusitanização dos nomes do rio Negro, que daqui para cima conservam a toponímia dos seus primitivos habitantes. Como foram Baré os dominadores das cachoeiras, todos os nomes da parte alta do rio Negro conservam a sua origem tupí. Os seus atuais habitantes só se entendem pelo neengatú ou tupí vivo. Aliás, é sabido, que a única parte do Brasil onde se fala o neengatú é no vale do rio Negro; por uma simples razão: a maioria dos seus habitantes é descendente dos Manau e Baré, nações poderosas que o povoaram antes da invasão dos conquistadores portugueses e espanhóis".

Canal Cassiquiare Tem o rio Negro cêrca de 1 600 km em território brasileiro, no qual entra com uma largura de 1 020 metros. Liga-se êste rio com o venezuelano Orenoco através do canal Cassiquiare, que o jovem geólogo GLYCON DE PAIVA provou ser um afluente do Negro com cabeceiras muito próximas do curso do Orenoco. Afirmou êle: “Ainda hoje, êle possui sua bacia própria, seus afluentes bem definidos, tudo como se fôsse um verdadeiro rio. Desconhecendo-se sua comunicação com o Orenoco, estudando-o a partir da foz para montante, observando o decrescimento progressivo de sua largura e da sua vazão, deixando a jusante os grandes afluentes, chega-se à convicção, de em breve, atingir suas cabeceiras, principalmente ao deparar um arremêdo de terras altas acima de Buenos Aires, representando o remanescente de um divisor.

“Queremos dizer que o Cassiquiare sempre existiu como rio e que, sob êste ponto de vista é tão velho, como qualquer um dos rios da região.

“Ao contrário, a comunicação do Orenoco com o Alto Cassiquiare é um acidente muito posterior à sua formação e definição, como um afluente do Negro.

“Acreditamos que não há muito tempo esta comunicação só se fazia na época das grandes cheias do Orenoco (rio sujeito a uma grande flutuação) e que só depois do leito esboçado por êstas correntes anuais periódicas, é que se chêgou a ter uma comunicação permanente, resistindo como hoje, embora penosamente, às grandes sêcas.

“Basta considerar o rio atual na época das sêcas: em 1926, segundo testemunho dos habitantes, para passar por Bifurcacion uma falca, era necessário cavar na areia o seu canal”.

O canal Cassiquiare tem cêrca de 365 km de desenvolvimento e corre totalmente em território venezuelano.

O sentido da corrente é sempre do Orenoco para o Negro.

O lugar onde a água deflue para o Orenoco, chama-se Bifurcacion.

Ainda, segundo o Dr. GLYCON, 80 a 90% das águas do Cassiquiare correm para o Negro.

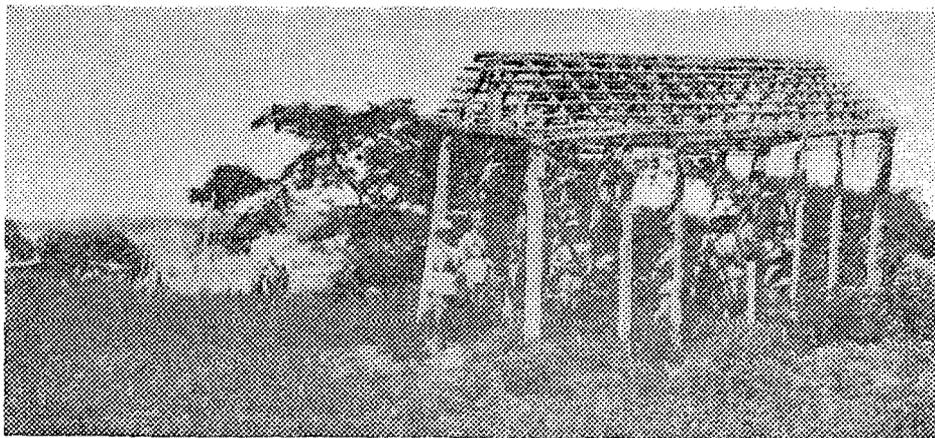
Temos nos dois rios e no canal que os une a principal via de penetração da Venezuela. Vejamos outra linha de penetração não só dêsse país mas, também, da Colônia Demerara — o rio Branco.

Rio Branco O rio Branco, sob o ponto de vista de sua navegabilidade, pode ser dividido em três secções:

a — o *baixo rio Branco* com cêrca de 400 km que vai de sua embocadura no rio Negro até ao povoado do Caracará, em sua margem direita:

b — a *zona encachoeirada* com 24 km aproximadamente, entre Caracará e Paracuuba ou Bôca da Estrada;

c — o *alto rio Branco*, com cêrca de 170 km, compreendidos entre a última cachoeira e a confluência dos seus formadores — rios Uraicoera e Tacutú.



Ruínas da igreja do Forte São Joaquim, no rio Branco

A navegação do Branco sofre modificações periodicamente, consoante o regime das águas. Na melhor estação, os navios pequenos vão até à Fazenda de São Marcos, perfeitamente bem, partindo de Manaus, em quatro dias. Isto sucede de Abril a Setembro, atingindo as águas sua maior altura em Junho. Durante a sêca ou verão, de Setembro a Abril, os vapores gastam os mesmos quatro dias, apenas até Caracaraí. Dêste pôrto até à Fazenda de São Marcos são despendidos mais dois dias em embarcações a motor. A maior estiagem é, comumente, em Dezembro e Janeiro. Há anos em que nesses meses, nem mesmo em pequenas lanchas se pode ir até Caracaraí, tal a baixa das águas. O regime das águas do Branco não é rígrado: apresenta acentuadas variações não só na época como na altura das águas.

Durante o período de cheia, a navegação é feita por uma espécie de braço, denominado *furo do Cojubim*, pelo qual se bifurca a água do rio no trecho encachoeirado. Assim que as águas baixam, torna-se perigosa a navegação por êle, pois aparecem muitas pedras, obrigando a passagem por canais muito estreitos, nos quais a velocidade é muito rápida.

Se bem que com duras dificuldades, a navegação na zona encachoeirada, nas águas médias ou baixas, é feita pelo braço principal do rio ou de oeste.

A cachoeira principal é chamada Pancada Grande que chega a ter mais de um metro de queda, na época de pouca fartura d'água. As demais cachoeiras ou corredeiras são assim denominadas: Laje da Onça, Rabo, Bota-Panela, Pedras do Germano, Pancada Grande, Cotovelo, Guariuba e Sucurijú.

Safando o trecho encachoeirado, há um varadouro de 25 km ligando o povoado de Caracará a Pacuuba, pelo qual passa o gado na época da vazante. Esse varadouro deveria ser levado até Boa Vista, mas depois de várias tentativas foi a idéia, por enquanto, abandonada.

O comandante BRAZ DE AGUIAR informou-me o seguinte: — “Os padres beneditinos contrataram com o Governo Federal a construção de uma estrada de Boa Vista até Caracará e a iniciaram aproveitando um antigo traçado, porém esses trabalhos foram abandonados, tendo sido feita somente uma parte no campo. Teem sido apresentados diferentes projetos de estradas ligando Manaus à região dos campos do rio Branco. Com esse fim já houve uma expedição que partiu de Manaus sob a direção de SEBASTIÃO DINIZ, mas sem resultado. Também houve a idéia da construção de outra estrada partindo de Vista Alegre, na margem esquerda do rio Branco um pouco abaixo de Caracará, em direção à serra da Lua, nas proximidades da fronteira britânica, pouco a oeste das cabeceiras do rio Tacutú.

“Três são os caminhos nas cachoeiras do rio Branco. O primeiro utilizando a estrada de gado que vai de Caracará até Paracuuba. O segundo subindo a lancha ou batelão pelas cachoeiras, por canais tortuosos e de praticagem difícil, até ao pôrto de baixo da cachoeira Pancada Grande, onde se inicia o varadouro do Benquerer. Por esse caminho se vai até à montante daquela cachoeira onde a carga é reembarcada, para prosseguimento da viagem. Essa viagem através das cachoeiras é sempre perigosa, principalmente nas águas baixas. A passagem do Cojubim constitue o terceiro caminho.

“Em Caracará já se encontra um grande campo na margem direita. A região franca dos campos do rio Branco começa no Mucajá, seu afluente da margem direita e se estende até aos limites com a Guiana Britânica e Venezuela. Por esses campos há inúmeros caminhos que comunicam toda a região e por onde é feito o transporte na época da seca. Assim da Fazenda Nacional de São Marcos se pode ir por terra até os diversos pontos do rio Maú, fronteira com a Guiana Britânica, ou até à serra Pacaraimã, limite com a Venezuela. Do mesmo modo se poderá ir para leste até encontrar novamente o Tacutú, limite com aquela Guiana. Esses caminhos na época seca, com algum trabalho, poderão dar passagem a veículos, mas no inverno atravessam alagadiços e buritizais que só permitem o trânsito de cavaleiros”.

A faixa da fronteira da colônia Demerara é perfeitamente igual à nossa. Policiais ingleses de cavalaria fazem rigorosa fiscalização da linha divisória, maximé nos pontos naturais de passagem.

O caminho para Georgetown Segundo o general RONDON, a linha de penetração da fronteira guianense mais franqueada é a que parte da Fazenda de São Miguel, situada à margem esquerda do Maú, defronte da barra do igarapé Anamará, afluente da margem oposta. A estrada é trafegada principalmente por

boiadas. Partindo de São Miguel elas marcham nessa estrada dia e meio, por vasta campanha além de Anã, vila em que está o Destacamento de Policiamento da Fronteira. Penetram a mata, onde a estrada tem dez metros de largura e nela viajam oito dias, servindo-se das campinaranas existentes para pousos. Saem no campo do rio Berbice depois de atravessar o rio Essequibo. Embarcam no pôrto Tacama e viajam um dia embarcados até à cidade de New-Amsterdão, tomando defronte, na cidade de Rossignol o trem para Georgetown. Em 15 dias o gado é posto naquela capital, partindo daquele ponto da fronteira. Além dessa linha de invasão de boiada existem a do Pirara-Rupununi, indicada por SILVA PONTES e RICARDO FRANCO; e a que parte da Fazenda Eva, no Tacutú, ao estreito do Rupununi até onde êste rio é navegável.

As difíceis comunicações com a Colômbia

As comunicações com a Colômbia são feitas através dos rios Japurá, Içá, e depois que essa república conquistou o trapézio de Letícia, do Solimões, cujo curso serve agora ao Perú, à Colômbia e ao Brasil. Além desses rios há, ainda, penetrando na Colômbia o Içana, o Uaupés, o Tiquié e o Apaporis, todos com exceção do último com álveos de rocha granítica, apresentando inúmeros afloramentos que formam séries de cachoeiras contínuas.

O *Içana* tem um curso de cêrca de 650 km, ostentando uma largura média de 200 m até à confluência com o Aiarí e continuando para montante com 100 metros apenas. Em tempo de cheia, lanchas de pequeno calado, fazendo varações com auxílio dos índios da região nas cachoeiras de Tunuí, Iandú e Aracú podem navegar até a um pouco a montante desta última.

O *Uaupés* com um desenvolvimento de curso de 850 km, dos quais 517 em plagas brasílicas, apresenta uma largura que varia entre 300 e 600 m alargando-se no seu baixo curso para 2 000 m. Antes dos trabalhos demarcativos, pensou-se que êsse rio fôsse inteiramente brasileiro.

O *Japurá* tem um curso de 1 848 km e lança-se no Solimões por várias bôcas, sendo três as principais. A partir de 2º de latitude até ao paralelo de 4º sul por onde corre o Solimões, desliza na direção NW-SE cruzando uma região preñhe de lagos e cortada por uma rêde bem tramada de furos. A caixa do barrento rio em formação, não comportando a grande quantidade d'água que por êle vaza, em determinadas ocasiões deixa esparramá-la por aqueles furos e lagos que funcionam à guisa de ladrões de segurança. Há um furo denominado *Auatí-paraná*, bem fornecido d'água que também liga o Japurá ao Solimões. Era por êle que os colombianos desejavam passasse a sua linha divisória com o Brasil.

“O Japurá é um rio de grande curso, franco às embarcações grandes ao tempo das enchentes. Na estiagem as lanchas podem percorrê-lo numa extensão de cêrca de mil quilômetros da foz, até onde se encon-

tram os primeiros degraus do leito. Daí para cima, de onde começa realmente a receber o nome de Caquetá, são numerosas as cachoeiras, sendo notável a do Imiá ou Iriá, que aperta o rio num percurso de 11 quilômetros e forma penhascos de 90 metros de altura.⁵

A respeito do Içá extraí dos apontamentos do general RONDON o seguinte: "Na sua foz existiu a povoação de São Fernando mandada erigir em 1763 pelo Governador do Estado FERNANDO DA COSTA TEIVE, como um pôsto avançado contra os espanhóis. O famoso Içá banha as terras da Colômbia e do Perú, nascendo nas serranias de Pasto no Governo de Popaiá. Corre paralelamente ao Japurá logo ao deixar o manadeiro comum e dele se afasta ao se aproximar do grande coletor

"A parte alta do Içá que divide o Perú da Colômbia tem o nome de Putumaio.

"Outrora era conhecido pelo *Dourado Içá*, pelo fato de serem suas margens formadas de aluviões provindos das grandes minas de ouro que nos séculos XVII e XVIII eram exploradas nas suas cabeceiras.

"Os portugueses navegaram o Içá na sua parte inferior, até aos rios Pepitarí e Itití, afluentes da margem direita e esquerda respectivamente.

"Os espanhóis fundaram no pontão do Norte do Içá uma pequena povoação, quando da celebração dos tratados de limites entre Portugal e Castela. Foram obrigados a abandoná-la em 1766, em virtude da insalubridade do local.

"Em consequência foi, como dissemos anteriormente, mandada ocupar em 1768 aquela foz pelo Governador ATAÍDE TEIVE, fundando-se a povoação de São Fernando. Os espanhóis ficaram com as missões dos índios Sucúmbio, dirigidas pelos padres franciscanos. Era antigamente muito povoado de índios este rio. Contavam-se no seu vale os índios Içá, Pané, Paiaba, Xumana, Tumbira, Cacatapuaia.

"O Içá lança-se no Solimões com abundância de água fornecida por mais de 60 tributários. Presentemente faz divisa com o Brasil no ponto em que a linha geodésica foz do Apaporis-Tabatinga o corta. O quadrilátero irregular formado por essa linha geodésica, o *thalweg* do Putumaio até à foz do rio Iágua, a reta que parte desta foz à do rio Ataguari e o *thalweg* do Amazonas, pertence à Colômbia, em virtude do Tratado de Limites com o Perú e a Colômbia de 24 de Março de 1922".

Todos os rios que vimos de citar e estudar são ligados entre si por varadouros trafegados pelas diferentes tribus que campeam aquela região extremenha.

A Colômbia depois que ganhou a questão de Letícia tem dado notável e eficiente impulso ao progresso daquelas paragens. La Pedrera será, em porvir muito próximo, um importante núcleo de população. Aviões ligam a fronteira, semanalmente, a Bogotá.

⁵ AGNELO BITTENCOURT: *Corografia do Estado do Amazonas* — 1925.

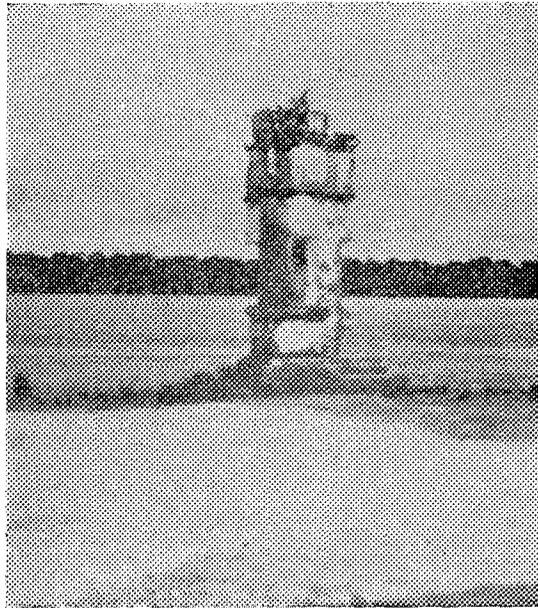
Pela convenção assinada entre o Perú e o Brasil em 1858 e pelos tratados colombo-peruano de Março de 1922 e colombo-brasileiro de Novembro de 1928 todos os três países ribeirinhos do Amazonas tem nele franca liberdade de navegação.

Da bacia amazônica à capital do Perú

A principal comunicação com o Perú é constituída pela grande corda potâmica que representa por si só a expressão da grandeza fenomenal da Amazônia. Além desta ainda há os irmãos Juruá e Purús e o Acre. Os dois primeiros muito importantes na época da caça ao caucho e à borracha e, ultimamente ao cedro, perdeu hodiernamente a importância por se acharem seus altos cursos quase abandonados. O Acre banha Inaparí que se acha ligada por uma carreteira a Maldonado à margem do Madre Dios. Por um itinerário bastante acidentado se acha esta cidade ligada a Cusco. Defronte a Inaparí existe o lugar denominado Paraguassú, ligado por um bom varadouro ao seringal Guanabara que tem sua sede na margem direita do Iaco, afluente do Purús.

Tabatinga

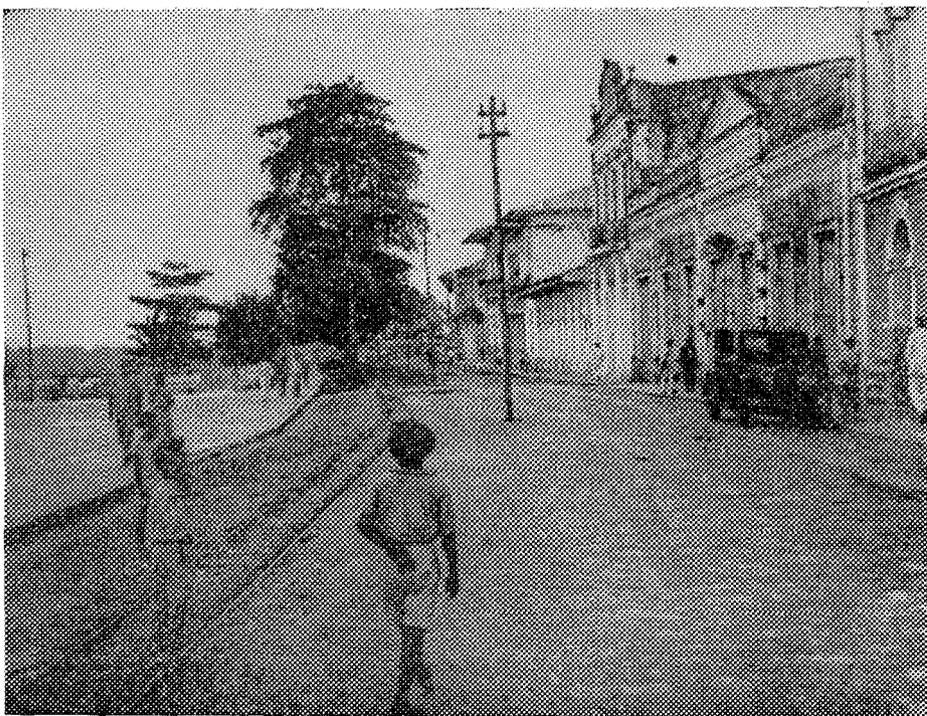
O ponto mais importante da fronteira com o Perú no grande escoadouro amazônico é Tabatinga, cuja situação, no alto de um barranco a 15 metros acima do nível das águas do Solimões, lhe proporciona pleno comandamento sôbre as terras vizinhas, podendo-se devesar com o binóculo, o que se passa em Ramon Castillo e Letícia. O rio castiga o barranco marginal, pois sôbre êle joga impetuosamente suas águas que naquele ponto fazem uma acentuada deflexão, mudando sua direção NW-SE para W - E, passando o *thalweg* apenas a um quilômetro do citado barranco que dia a dia se vai esboçando. A floresta não é transitável, maximé no período correspondente aos meses de Fevereiro a Julho, quando as águas se avolumam. O gado para a população civil, avaliada em



O que resta do antigo forte de Tabatinga: metade do pórtico central à beira do barranco

cêrca de 4 000 almas, é trazido do Careiro, perto de Manaus, cêrca de 800 milhas rio abaixo. Há, outrossim, 3 500 indígenas que vivem nas proximidades. O celeiro desta gente tôda é quase exclusivamente constituído pela ilha do Aramacá que produz cereais, cana e frutas.

De Iquitos a Lima por terra e pelo ar A principal cidade peruana na região é Iquitos, cujo pôrto é um arremêdo do de Manaus, em menores proporções. Há um cais flutuante que, por meio de uma rampa, se liga ao alto de um barranco. Em Outubro é muito difícil aos navios de mais de 11 pés de calado chegarem até Iquitos, sendo também precária a navegação de Junho até Novembro. Os *buques* da "Booth Line" só de Dezembro a Maio mantêm carreira regular até àquele ponto.



A principal calle de Iquitos, capital do Departamento de Loreto. Sobre os trilhos que se vêem circulam pequeninos trens de ferro

Até 1926 a viagem Lima-Iquitos se fazia em 20 dias assim distribuídos:

Lima-Oroya — em estrada de ferro	10 horas
Oroya-Tarma — em automóvel	3 ”
Tarma-San Ramon — em automóvel	1 dia
San Ramon-Yessup — em lombo de mula	8 dias
Yessup-Pôrto Bermudez — em canoa	1 dia
Porto Bermudez-Iquitos — em lancha	9 dias

A 3 de Janeiro de 1928 foi inaugurada definitivamente a navegação aérea entre Iquitos e Lima, com as seguintes escalas:

Iquitos-Massisea — em hidro-avião	6 horas
Massisea-San Ramon — em avião	2 ”
San Ramon-Oroya — em automóvel	12 ”
Oroya-Lima — em trem	10 ”



Des. NILO PORPINO-942

Assim, atualmente, poderemos ir de Iquitos à capital peruana em dois dias.

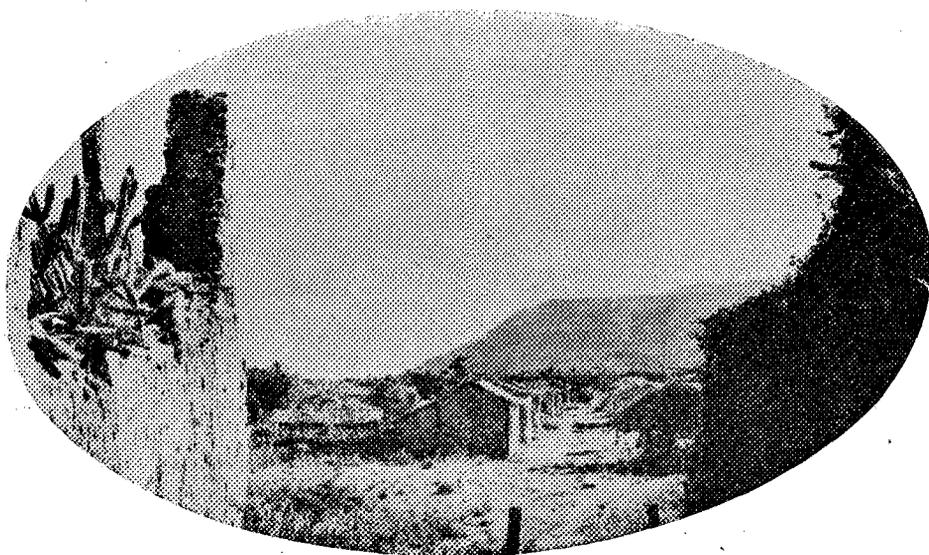
**As comunicações
com a Bolívia**

As duas grandes vias de comunicação para a fronteira da Bolívia são o rio Acre e o Madeira. Há uma bela estrada carreteira ligando a cidade boliviana de Cobija a Porvenir, na margem esquerda do Tauamanu, tributário do Bení. Há dois esplêndidos varadouros unindo, respectivamente, Catuaba e Capatará, ambos no rio Acre, a Vila Plácido e Santa Rosa no Abunã. Por meio dessas comunicações terrestres fica a bacia do Purús em ligação com a do Madeira.

O Acre permite em época de cheia a navegação de gaiolas com roda à pôpa da "Amazon River" até Cobija e até à fronteira do Perú por meio de lanchas ou embarcações com motores de pôpa.

O Madeira permite franca navegação até Pôrto Velho, onde começa a estrada de ferro Madeira-Mamoré, cuja estação final é Guajaramirim, distante da primeira 360 km. Êste percurso é feito em dois dias, viajando-se só de dia, passando-se a noite em Presidente Marques, mais ou menos na altura da bôca do fronteiroço Abunã. Em autos de linha ou em trens especiais pode-se fazer a viagem em uma só jornada.

De Guajaramirim até Vila Bela, a antiga e lendária capital de Mato-Grosso, no rio Guaporé, vai-se de lancha rebocando no costado



"Vila Bela de Mato Grosso — a cidade do ouro e das ruínas"

batelões confortáveis com coberta, passando-se pelo famoso forte Príncipe da Beira que os lusos, sem medirem sacrifícios, construíram para defender o território que já haviam conquistado, com ousadia e fé, contra as incursões dos espanhóis.

Há uma companhia de navegação, subvencionada, que faz uma viagem mensal entre Guajaramirim e a decadente capital que recebeu do mirífico TAUNAY o cognome de "cidade do ouro e das ruínas". A distância entre as duas é de 1 416 km, ficando o forte Príncipe da Beira a 302 km da primeira. A navegação é difícil nos meses de Setembro a Novembro. Pelo contrário é facilíssima nos meses de Janeiro a Maio.

F r i a g e m Com o degêlo dos Andes surge de chofre uma queda de temperatura que os locais chamam de friagem e coincide com os festejos juninos e com os temporais de 25 de Julho a 9 de Agosto. Fora destas datas aparecem friagens que duram cerca de quarenta e oito horas.

Canarãna Tanto o Mamoré como o Guaporé são debruados pelas verdes pestanas formadas pelas canarãnas que constituem ótimo alimento para o gado. Há duas espécies desta gramínea — uma doce de talo verde e outra amarga de talo vermelho que é rejeitada pelos animais. A cem quilômetros do Guaporé em plagas bolivianas, há prósperas fazendas de gado que se mantêm com a canarãnas além de outro pasto constituído pelo capim mimoso.

De Belém ao Acre pelos céus da Amazônia Uma linha de aviões da "Panair" une Belém a Rio Branco do Acre, aquatizando em Currálinho, Gurupá, Prainha, Óbidos, Parintins, Itacoatiara, Manaus, Borba, Manicoré, Humaitá e Pôrto Velho, as quatro derradeiras no rio Madeira. A viagem é feita em duas etapas: uma de cerca de 1500 km até Manaus em oito horas, e outra de cinco horas aproximadamente até Pôrto Velho, onde estaciona o hidro, sendo a viagem continuada para Rio Branco em avião.

Como se vai a La Paz Vejamos agora as comunicações da fronteira estudada com La Paz. O ponto de convergência de tôdas as comunicações fluviais do Departamento do Bení, para ligação com a capital da república — é pôrto Ichilo ou pôrto Grether, no rio do mesmo nome, afluente do Mamoré. Em dez dias é feita uma viagem entre êste pôrto e a cidade de Guayaramerim, em lancha de 60 toneladas de arqueação que parte, semanalmente, dessa cidade. Em Trinidad há baldeação para embarcações de menor porte.

De pôrto Ichilo a Santa Cruz de la Sierra medeia uma distância de 155 km que são vingados, por terra, em maus caminhos, de 10 a 30 dias, consoante a estação do ano.

De Santa Cruz a Cochabamba há uma estrada de rodagem em leito de terra. Ligando a última a La Paz há uma estrada de ferro que passa por Oruro.

O "Lóide Aéreo Boliviano" faz uma viagem bi-mensal, em dois dias, partindo de La Paz e pousando em Cochabamba, Trinidad, —

Guyaramerim, Riberalta e Cobija. Em Cochabamba há conexão desta linha com a aerovia que vai para Santa Cruz de la Sierra — Pôrto Suarez, no rio Paraguai.

A cordilheira dos Andes é o tapume que dificulta a respiração dos habitantes da planície boliviana.

Há em construção uma rodovia de 285⁰ km, unindo Cochabamba (2 560 metros de altitude) ao Mamorecillo, afluente do Mamoré — (500 metros de altitude). Esta estrada sobe em Comercocha a 4 200 metros acima do nível do mar. De Trinidad, capital do Departamento do Bení, ao Mamorecillo a navegação em lanchas é franca. Assim que fique pronta esta rodovia poder-se-á ir de Trinidad a Cochabamba em três dias, fazendo-se um percurso aproximado de 500 km, sendo dois dias de navegação e um de automóvel.

Conclusão Temos assim concluído o trabalho que impusemos a nós mesmos, mostrando as fronteiras que nossos heróicos antepassados nos legaram e que, com a mercê de Deus, deveremos herdar aos nossos netos, sem desejos de ampliá-las, mas dispostos ao sacrifício extremo de defendê-las a todo custo.

Copacabana — 21 de Abril de 1942.

*

RESUMÉ

Le Lieutenant-Coronel LIMA FIGUEIREDO, de la Commission de Rédaction de cette Revue, fait une étude dans cet article des frontières de l'Amazonie avec les pays voisins. Son travail contient trois chapitres que nous resumons très succinctement.

L'auteur dit, dans le premier chapitre, que les frontières du Brésil avec les Guyanes hollandaise et Anglaise, les républiques de la Colombie et du Pérou, sont déjà bien délimitées, et que celles avec la Venezuela et la Bolivie sont en voie d'achèvement.

Les points extrêmes nord et ouest du Brésil, qui se trouvent, respectivement, sur le Mont Caburai (5° 16' 19" 60 latitude nord et 60° 12' 43" 28 longitude W. Greenw.) et sur la chaîne de montagnes de Contamana (7° 33' 12" 85 latitude sud et 73° 59' 32" 45 longitude W Greenw.), appartiennent à la frontière de l'Amazonie.

Le second chapitre contient la description des frontières. L'auteur commence cette étude en décrivant les limites de la Guyane Française avec l'Amazonie, qui ont une extension d'environ 655 km et n'ont pas encore été fixés. Cette frontière se trouve inhabitée à partir du tiers moyen de l'Oiapoque. La frontière avec la Guyane Hollandaise est bien caractérisée; elle s'étend à travers les Monts Tumucumaque sur une extension totale de 692,040 km; le long de son parcours, on ne rencontre pas d'habitants.

La ligne qui délimite la Guyane Anglaise est entièrement fixée et mesure à travers les terrains secs 907,614 km et en suivant les eaux 698,186 km. Cette frontière est habitée; on trouve, le long de son parcours, des missions qui ont été établies par des religieux anglais. La longueur totale de la frontière avec le Venezuela est de 2 200 km; cette frontière présente des régions marécageuses, des diviseurs faciles à parcourir et des régions par des populations civilisées, d'autres par des indigènes; d'autres zones sont inhabitées. La frontière avec la Colombie mesure 1 644,180 km et se trouve entièrement délimitée. Un fait intéressant a été noté, en faisant cette délimitation: le contour du Brésil a été grandement modifié en donnant l'impression que les terres de la patrie de Santander pénètrent dans celles du Brésil. Cette impression n'est, cependant, qu'apparente, parce que, dans la réalité, les accidents géographiques n'étaient pas représentés dans leurs positions réelles. La frontière avec le Pérou est entièrement délimitée et mesure 1 565 km 83,39 m, étant donné que 572 km 774,11 m suivent les eaux et 992 km 309,28 m suivent les terres. La frontière avec la Bolivie qui a été regularisée par le traité de Petrópolis fut définitivement fixée par le traité de Natal en 1928. Elle est presque entièrement habitée.

L'auteur fait une description détaillée de toutes ces frontières; il mentionne les ouvrages qui existent sur les questions et les arbitrages qui ont eu lieu dans la délimitation de quelques unes de ces frontières, des principales rivières qui les constituent ou de celles qui y prennent naissance, ou encore, de celles qui ont une influence sur leurs tracés; il analyse, finalement, leur peuplement.

Dans le dernier chapitre l'auteur étudie les communications de l'Amazonie avec les frontières et les lignes de pénétration qui partent des pays limitrophes vers le Brésil. L'auteur suit

dans cette étude pleine d'intérêt le même ordre adopté pour faire la description des frontières et termine son travail en disant: "Nous avons ainsi terminé le travail que nous nous sommes imposés, en montrant les frontières que nos héros ancêtres nous ont légués et que, grâce à Dieu, nous espérons transmettre à nos petits-enfants, ne nourrissant pas le désir de les augmenter, mais disposés à les défendre à n'importe quel prix".

RESUMEN

El Teniente — Coronel LIMA FIGUEIREDO, de la Comisión de Redacción de esta REVISTA, estudia, en este artículo, las fronteras de la Amazonia Brasileña con los países vecinos. Su trabajo está dividido en tres capítulos, de que presentamos ligeros resúmenes; en el primer capítulo dice que de aquellos límites ya se hallan perfectamente caracterizados y demarcados los con las Guayanas Holandesa e Inglesa y con las Repúblicas de Colombia y Perú; está siendo efectuada la demarcación de la frontera con Venezuela, y, para cerrar la raya con Bolivia quedan aun algunos trechos.

En la faja fronteriza de Amazonia están los puntos extremos norte y oeste del Brasil, respectivamente en el monte Caburai (5° 16' 19", 60 lat. norte y 60° 12' 43", 28 long. W. Green.) y en la sierra de Contamana (7° 33' 12", 85 lat. sur y 73° 59' 32", 45 long. W. Green).

El segundo capítulo es dedicado a la descripción de aquellas fronteras, cuyo estudio es iniciado por los límites con la Guayana Francesa, aun no demarcados, con un desarrollo de cerca de 655 km y desahabitado a comenzar del tercio medio del Oiapoque. Con la Guayana Holandesa la frontera se desarrolla sobre la cordillera de Tumucumaque; está perfectamente caracterizada, tiene la extensión total de 692,040 km, y su largo no tiene habitantes. La línea con la Guayana Inglesa, enteramente demarcada, mide en seco 907,614 km y en aguas 698,186 km. Es habitada, habiendo algunos religiosos ingleses establecido misiones al largo de su frontera.

El desarrollo total de la frontera con Venezuela es del orden de 2 200 km adonde se encuentran regiones fangosas, divisores fáciles de recorrer y regiones escarpadas de difícil acceso. Algunos puntos habitados por civilizados, los demás o desahabitados o poblados por tribus de salvajes.

Con Colombia la frontera mide 1 644,180 km, toda levantada y demarcada. "Un hecho interesante notado con el resultado de la demarcación es que el contorno del Brasil fué allí muy modificado, dejando la impresión de que las tierras de la patria de Santander penetraron en el Brasil. Sin embargo, esto es aparente, pues en realidad los accidentes geográficos es que no estaban representados en sus verdaderos lugares. La frontera con el Perú está toda demarcada y tiene la extensión de 1 565 km 83,39 m, siendo 572 km 774,11 m por agua y 992 km 309,28 m por tierra. Con la Bolivia nuestra frontera, reglada por el Tratado de Petrópolis, fué definitivamente fijada por el Tratado de Natal, en 1928. Es casi toda habitada.

De todas esas fronteras el autor hace detallada descripción, acompañada de estudios de las cuestiones y arbitrajes verificados en la demarcación de varias de ellas, de la descripción de los principales ríos que las constituyen o de los manantiales que en ellas nacen o influyen en su trazado, y de la análisis de su poblamiento.

El último capítulo es destinado al estudio de las comunicaciones con las fronteras y las líneas de penetración en el Brasil por los países vecinos. En ese interesante y minucioso estudio, sigue el mismo orden adoptado en la descripción de las fronteras.

Concluye su trabajo diciendo: — "Tenemos así concluido el trabajo que hemos impuesto a nosotros mismos, mostrando las fronteras que nuestros antepasados nos dejaron y que, con la merced de Dios, debemos heredar a nuestros nietos, sin deseos de ampliarlas, pero dispuestos al sacrificio extremo de defenderlas a todo costo".

RIASSUNTO

Il Tenente Colonnello LIMA FIGUEIREDO, studia i confini dell'Amazzonia brasiliana coi paesi vicini, in tre capitoli. Nel primo spiega che le frontiere con le Guiane Olandese e Inglese e con le Repubbliche di Colombia e di Perú sono completamente determinate e delimitate; quella col Venezuela è in corso di delimitazione; quella con la Bolivia è stata delimitata salvo in alcuni tratti. Nella zona di confine dell'Amazzonia si trovano i punti estremi settentrionale e occidentale del Brasile, rispettivamente nel monte Caburai (5° 16' 19", 60 Lat. Nord e 60° 12' 43", 28 Long. O. Greenw.) e nella catena della Contamana (7° 33' 12", 85 Lat. Sud e 73° 59' 32", 45 Long. O. Greenw.) Il secondo capitolo descrive i confini, cominciando da quelli con la Guiana Francese, ancora non delimitati, con uno svolgimento di circa 655 km, e disabitati a partire dalla parte mediana dell'Oiapoque. I confini con la Guiana Olandese seguono la catena di Tumucumaque; sono ben determinati; si estendono per circa 692 km; non sono abitati. I confini con la Guiana Inglese, completamente delimitati, misurano 1 506 km; sono abitati, alcune missioni religiose inglesi essendosi stabilite nella zona di frontiera. I confini col Venezuela si stendono per circa 2 200 km, comprendendo regioni paludose, spartiacque ben determinati e regioni dirupate di difficile accesso; alcuni punti sono abitati da gente civile, i più disabitati o popolati da selvaggi. I confini con la Colombia misurano circa 1 644 km; ne è completo il rilievo e la delimitazione. "Un fatto interessante derivato dalla delimitazione è una grande modificazione del contorno del Brasile, che dà l'impressione di una penetrazione del paese di Santander nel nostro. Si tratta però di una pura apparenza, perché nelle vecchie carte gli accidenti geografici non erano rappresentati nella loro vera posizione". I confini col Perú sono interamente delimitati ed hanno l'estensione di 1 565 km. I confini con la Bolivia, regolati dal Trattato di Petrópolis, furono definitivamente fissati dal Trattato di Natal, nel 1928; sono quasi tutti abitati. Di

tutti questi confini l'autore fa una minuta descrizione, studiando le questioni e gli arbitrati connessi con la delimitazione di alcuni di essi, descrivendo i principali fiumi che li segnano, le sorgenti che ne derivano, e analizzando il loro popolamento. L'ultimo capitolo studia le comunicazioni con le frontiere e le linee di penetrazione nel Brasile attraverso i paesi limitrofi. L'autore conclude: "Terminiamo il lavoro che ci siamo imposti per illustrare i confini che gli avi eroici ci lasciarono e che, con l'aiuto di Dio, dobbiamo lasciare ai nostri nipoti, senza ambizioni di estenderli, ma disposti a qualsiasi sacrificio per difenderli."

SUMMARY

Lieutenant Colonel LIMA FIGUEIREDO, of the Editing Committee of this Review, deals in this article with the Brazilian Amazonian frontiers with the neighbouring countries.

His work is divided into three chapters, of which we submit brief resumés. In the first chapter he states that the boundaries with the British and Dutch Guianas and the republics of Colombia and Perú are perfectly defined and plotted. Those with Venezuela are under way and to bring to a close the Bolivian ones only a few parts are missing.

In the frontier of Amazonia are to be found the extreme Northern and Western points of Brazil, namely Mount Caburai (5° 16' 19", 60 lat. North and 60° 12' 43", 28 long. West Greenwich, respectively).

The second chapter is dedicated to the description of those frontiers. This study begins with the limits of the French Guiana, not yet plotted, extending approximately 655 kilometres, and uninhabited from the middle third part of the Oyapock River. The frontier with the Dutch Guiana extends over the Tumucumaque, is perfectly defined, measures in all 692 kilometres and 40 metres and is entirely uninhabited.

The boundary line with the British Guiana is entirely plotted out and measures 907 614 kilometres on land and, over water, 698 186 km. It is inhabited and some English religious ministers established missions along the border. The total extension of the frontier is about 2 200 km and is composed of marshy regions easy to reach and of rocky ones of difficult access. Part is inhabited by civilized people, the remainder being either uninhabited or inhabited by Indian tribes. The frontier with Colombia measures 1 644 180 km and is entirely surveyed and plotted out. "An important fact was observed as a result of the plotting of the frontier, namely that the outline of Brazil there was greatly modified giving the impression that the lands of the country of Santander (Venezuela) encroach upon those of Brazil. This, however, is only apparently so, because actually it was the geographical accidents that were not represented in their proper places". The frontier with Perú is fully plotted out in its extension of 1 565 km 83,39 m, of which 572 km 774,11 m are over water and 992 km 309,28 m on land. Our frontier with Bolivia was regulated by the Treaty of Petrópolis and definitely fixed by the Treaty of Natal in 1928. Nearly all of it is inhabited.

Of all these frontiers the author renders a detailed description accompanied by studies of the questions and arbitrations verified in the plotting of several of them, by the further description of the principal rivers or water sources that make up, or commence, or influence their outline, and by the analysis of their settlement.

The last chapter is dedicated to the study of the communications with the frontiers and of the lines of penetration into Brazil from the bordering countries. In this interesting and detailed study he follows the same order adopted in the description of the frontiers. He ends his study by stating: — "We have thus concluded this self-imposed task, showing the frontiers which our heroic ancestors have bequeathed to us and which, by the grace of God, we shall hand down to our grandchildren, with no desire to widen them, but ready to make the extreme sacrifice in order to defend them at any cost".

ZUSAMMENFASSUNG

Der Oberstleutnant LIMA FIGUEIREDO vom Redaktionsstab dieser Zeitschrift, behandelt im vorliegenden Artikel die Grenzen des brasilianischen Amazonasgebiet mit den Nachbarländern. Seine Arbeit ist in drei Kapitel unterteilt, die wir hier flüchtig behandeln wollen: im ersten Kapitel legt er dar, dass von diesen Grenzen diejenigen mit holländisch und britisch Guiana und den Republiken Columbien und Perú bereits vorzüglich charakterisiert und festgelegt sind; dass sich die Grenze mit Venezuela im Zustand der Demarkation befindet, und um die Grenzlinie mit Bolivien festzulegen, nur mehr wenige Abschnitte fehlen. Im Grenzgebiet von Amazonas befinden sich die äussersten nördlichen und bestlichen Punkte Brasiliens, bezüglich der Berg Caburai (5° 16' 19", 60 noerd. Breitengrad und 60° 12' 43", 28 Laengengrad westl. Greenw.) und auf dem Hochgebiet von Contanama (7° 33' 12", 85 suedl. Breitengrad und 73° 59' 32", 45 Laengengrad westl. Greenw.).

Das zweite Kapitel stellt die Beschreibung dieser Grenzen dar. Er beginnt mit den Grenzen mit franz. Guiana, die noch nicht abgesteckt ist und die eine Gesamtausdehnung von ungefaehr 655 km hat. Sie ist unbewohnt vom mittleren Drittel des Olapoque an. Die Grenze mit holländisch Guiana erstreckt sich ueber die Bergkette des Tumucumaque. Sie ist ausgezeichnet charakterisiert, hat eine Gesamtausdehnung von 692,40 km und in ihrem Verlauf gibt es keine Bewohner.

Die Grenzlinie mit englisch Guiana, die ebenfalls in ihrem ganzen Verlauf abgesteckt ist, misst in ihrem Verlauf auf trockenem Boden 907 km 614 und in Wassergebiet 698 km 186. Sie ist bewohnt, da einige fromme Englaender dort an ihrer Grenze Missionen errichtet haben. Die Grenze mit Venezuela misst in ihrem Total 2 200 km, teilweise bestehend aus Sumpfgeländen, die leichter abzustecken sind und teilweise aus abschuessigen Gebieten, die schwierig zu bestelgen sind. Einige wenige Stellen sind bewohnt von zivilisierten Menschen, die meisten aber unbewohnt

oder bevoelkert von wilden Staemmen. Die Grenze mit Columbien misst 1 644 km 180 und ist in ihrer ganzen Laenge errichtet und abgesteckt. "Eine interessante Tatsache wurde mit dem Resultat der Grenzbestimmung entdeckt und zwar dass der Umriss Brasiliens hier stark umgeändert wurde, indem es den Anschein hatte, dass der Landboden des Vaterlandes Santander in Brasilien eindringe. Das scheint aber nur so, da die geographischen Stuetzpunkte in Wirklichkeit nicht an ihren wirklichen Orten angegeben waren." Die Grenze mit Perú ist voellig abgesteckt und hat eine Ausdehnung von 1 565 km 83 m 39, von denen 572 km 774 m 11 ueber Wassergebiet und 992 km 309 m 28 ueber Erdgebiet fuehrt. Unsere Grenze mit Bolivien, die schon durch den Vertrag von Petrópolis vereinbart war, wurde durch das Tratat von Natal im Jahre 1928 endgueltig festgelegt. Sie ist beinahe ganz bewohnt.

Von allen diesen Grenzen gibt der Verfasser ins einzelne gehende Beschreibungen, die begleitet sind von den Fragen der gefaellten Urteilsprueche, die bei der Festlegung einer realisiert werden mussten. Er erwachnt die hauptsaechlichsten Fluesse, mit denen sie gebildet sind oder Flussquellen, die in ihrem Verlauf entspringen oder mueden, und analysiert die Bevoelkerungsdichte.

Das letzte Kapitel widmet er dem Studium der Verbindungslinien mit den Grenzen und auch den Verbindungswegen, die ueber diese Grenzen die anliegenden Laender verbinden. Dieser interessanten und genauen Arbeit folgen die gleichen Einzelbeschreibungen wie im vorhergehenden Kapitel.

Er schliesst seine Arbeit mit den Worten: — "Somit schliessen wir diese Arbeit ab, die wir uns selbst aufgelegt haben zu dem Zweck, die Grenzen zu zeigen und beschreiben, die uns unsere heroischen Vorfahren gegeben haben und die wir, mit Hilfe, Gottes, an unsere Enkel vererben sollen, ohne den Wunsch sie zu erweitern, jedoch bereit zum aeussersten Opfer sie zu verteidigen, koste es was es wolle."

RESUMO

Subkolonelo LIMA FIGUEIREDO, el la Redakcia Komisiono de tiu ĉi Revuo, studas en tiu ĉi artikolo, la limojn de la Brazila Amazonio kun la najbaraj landoj. Lia verko estas dividita laŭ tri ĉapitroj, el kiuj ni prezentas resumetojn: en la unua ĉapitro li diras, ke el tiuj limoj jam estas tute karakterizitaj kaj fiksitaj tiuj kun la Nederlanda kaj Angla Gujanoj kaj kun la Respublikoj de Kolombio kaj Peruo; estas fiksitaj la limoj kun Venezuelo, kaj, por fermi la limon kun Bolivio mankas ankoraŭ kelkaj terpecoj.

En la landlima zono de Amazonio estas la ekstremaj punktoj norde kaj okcidente de Brazilo, respektive ĉe la monto Caburá (5° 16' 19", 60 Lat. N. kaj 60° 12' 43", 28 Long. Ok. Green.) kaj ĉe la montaro Contamana (7° 33' 12", 85 Lat. S. kaj 73° 59' 32", 45 Long. Ok. Green.).

La dua ĉapitro estas dediĉita al la priskribo de tiuj limoj, kies studo estas komencita per la limoj kun la Franca Gujano, ankoraŭ ne limfiksitaj, kun proksimuma etendo de 655 km kaj neloĝata komence de la meza triono de rivero Oiapoque. Kun la Nederlanda Gujano la limo etendiĝas sur la montegaro de Tumucumaque; ĝi estas tute karakterizita, havas la tutan longon de 692 km 040 m, kaj estas senhoma.

La limlinio kun la Angla Gujano, tute fiksitaj, havas la mezuron de 907 km 614m, sur seka tero, kaj de 698 km 186 m, sur akvoj. Ĝi estas loĝata kaj eĉ kelkaj anglaj religiuoj starigis misiojn laŭlonge de ĝia limo. La tuta etendo de la limo kun Venezuelo apartenas al la kategorio de 2 200 kilometroj kaj havas marĉajn regionojn, akvodividantojn facile trakuritajn kaj klifaj regionoj je malfacila aliro. Kelkaj punktoj estas loĝataj de civilizitoj, sed la ceteraj estas neloĝataj aŭ loĝataj de sovaĝaj triboj. La limo kun Kolombio, jam tute fiksitaj, havas la mezuron de 1 644 km 180 m. "Interesa fakto notita post la limfiksa rezultato estas tio, ke la brazila konturo estis tie forte modifita kaj donas la impreson, ke la teroj de la patrujo de Santander penetris en Brazilon. Tamen tio estas ŝajna, ĉar efektive la geografiaj malebenajoj ne estas montritaj ĉe siaj veraj lokoj". La limo kun Peruo estas tute fiksitaj kaj havas la etendon de 1 565 km 83,59 m, nome 572 km 774,11 m, sur akvoj, kaj 992 km 309,28 m, sur tero. Nia limo kun Bolivio, reguligita de la Petropolis'a Traktato, estis definitive fiksitaj de la Traktato de Natal, en 1928. Ĝi estas preskaŭ tuta loĝata.

Pri ĉiuj tiuj ĉi limoj la aŭtoro donas detalan priskribon, akompanatan de studoj pri konfliktoj kaj arbitracioj konstatitaj ĉe la fiksado de kelke da ili, de la priskribo pri la ĉefaj riveroj, kiuj ilin konsistigas aŭ pri la fontoj, kiuj naskiĝas en ili aŭ influas en ilia fluejo, kaj de la analizo de ilia loĝatigo.

La lasta ĉapitro estas destinita al la studo de la komunikiloj kun la limoj kaj la penetraj linioj en Brazilo fare de la samlimaj landoj. En tiu interesa kaj detala studo li sekvas la saman vicon adoptitan ĉe la priskribo de la limoj.

Li finas sian verkon dirante: — "Tiel ni finas la laboron, kiun ni imponis al ni mem, montrante la limojn, kiujn niaj herooj prapatroj postlasis al ni kaj kiujn, kun la helpo de Dio, ni devos transigi al niaj pranepoj, nedezirante ilin plivastigi, sed inklinaĵoj al la ekstrema ofero ilin ĝismorte defendi."